



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE PLANALTINA

DIELDA ADRIANA CARVALHO SOUZA STEINMULLER

**SOBRE A CONSCIÊNCIA AMBIENTAL DOS FIÉIS DA IGREJA
CATÓLICA DIANTE DA CRISE ECOLÓGICA: estudo sobre a
percepção e responsabilidade socioambiental de um grupo de
praticantes da Igreja.**

Planaltina – DF

2017

DIELDA ADRIANA CARVALHO SOUZA STEINMULLER

**SOBRE A CONSCIÊNCIA AMBIENTAL DOS FIÉIS DA IGREJA
CATÓLICA DIANTE DA CRISE ECOLÓGICA: estudo sobre a
percepção e responsabilidade socioambiental de um grupo de
praticantes da Igreja.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Gestão Ambiental, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Gestão Ambiental.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Cristina da Silva Cruz

Planaltina – DF

2017

Steinmuller, Dielda Adriana Carvalho Souza

Sobre a consciência ambiental dos fiéis da igreja católica diante da crise ecológica: estudo sobre a percepção e responsabilidade socioambiental de um grupo de praticantes da Igreja/ Dielda Adriana Carvalho Souza Steinmuller. Planaltina - DF, 2017. 54 f.

Monografia - Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília. Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental.
Orientadora: Prof.^a Dra. Tânia Cristina da Silva Cruz.

1. Igreja Católica 2. Encíclica *Laudato Si* 3. Crise Ecológica 4. Educação Ambiental.

DIELDA ADRIANA CARVALHO SOUZA STEINMULLER

**SOBRE A CONSCIÊNCIA AMBIENTAL DOS FIÉIS DA IGREJA
CATÓLICA DIANTE DA CRISE ECOLÓGICA: estudo sobre a
percepção e responsabilidade socioambiental de um grupo de
praticantes da Igreja.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Gestão
Ambiental da Faculdade UnB
Planaltina, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em
Gestão Ambiental.

Banca Examinadora:

Planaltina-DF, 11 de dezembro de 2017.

Prof.^a Dra. Tânia Cristina da Silva Cruz – Orientadora (FUP/UnB)

Prof. Dra. Marianna Holanda – Examinadora (FUP/UnB)

Prof. Dr. Eduardo Di Deus – Examinador (FUP/UnB)

A Deus que tudo fez e criou, a sua bondade e misericórdia e ao seu amor. A todas as flores, plantas, árvores e florestas. A todos os seres vivos. Ao sol, a lua, ao ar, à água. A todo o universo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me criado e todas as suas obras tão maravilhosas. Agradeço por tudo que tenho, pela minha vida e por quem sou. Agradeço por todas as oportunidades que me proporciona. Agradeço a Deus por sua infinita misericórdia e amor comigo.

Agradeço a Santa Catarina de Alexandria que sempre me iluminou em meus estudos e a Santa Luzia que sempre abriu meus olhos para o que é bom. Obrigada por suas intercessões.

Agradeço ao amor da minha vida, meu marido Viktor Joseph L. Steinmuller, pelo seu companheirismo e alegria que faz iluminar minha vida todos os dias. Obrigada por seu apoio nas minhas aspirações e o incentivo para eu não desistir. Obrigada também por me dar a honra de construir a minha vida ao seu lado.

Agradeço a minha mãe Joana de Aguiar, que me apoiou desde sempre no meu desejo de estudar Gestão Ambiental e me graduar na Universidade de Brasília. Agradeço por todo seu amor e sua vida dedicada inteiramente aos seus filhos. Pela sua insistência e zelo nos meus estudos, no qual não mediu esforços para que eu formasse e que tanto me ensinou para que eu me tornasse a mulher que sou.

Agradeço a meu pai José Roberto, que por mais de três anos me buscava quase todos os dias depois das aulas noturnas de Gestão Ambiental. Agradeço por seu esforço, suas horas de sono mal dormidas, seu jeito calado que ainda sim foi possível demonstrar o quanto me ama. Obrigada.

Agradeço aos meus amigos “Babus”, no qual ao longo do curso formamos um elo especial de carinho e alegria, companheirismo e diversão. Por todas as noites divertidas que tivemos em nossas conversas que nos alegravam e tornava a caminhada do curso mais leve, além dos nossos momentos de viagens. Obrigada Jaqueline Silva, Johnny Rodrigues, Raquel Medeiros, Nathália Chagas e Thainá Araújo.

Agradeço a todos os professores da Gestão Ambiental, pela dedicação e zelo para nos transmitir tanto conhecimento, em especial aos professores que tanto me marcaram: Antônio Felipe, Carlos Passos, Carlos Tadeu, Carolina Lopes, Flávia Nogueira, Irineu Tamaio e Luiz Honorato.

Agradeço particularmente a professora e minha orientadora Tânia Cristina por me acolher na ideia da pesquisa, mas, principalmente, por ser o marco inicial da minha paixão pelo curso. Suas aulas de Introdução às Ciências Sociais e a viagem ao parque da Chapada dos Veadeiros proporcionou um dos meus primeiros contatos com a natureza fazendo-me apaixonar através da contemplação da criação e ensinou-me a olhar a sociedade por outra perspectiva.

Agradeço a todos que responderam à pesquisa e que repassaram, em especial a equipe da catequese da Paróquia Nossa Senhora Aparecida do setor Contagem de Sobradinho II, em especial, a Laiane. Agradeço também a minha irmã Vitória Gabriela e meu irmão Vitor Gabriel.

Agradeço ao Papa Francisco que desenvolveu a preocupação com a ecologia, trazendo o assunto para discussão dentro das igrejas, facilitando o diálogo, apoio e participação. Agradeço por toda orientação e ensinamento transmitidos na encíclica *Laudato Si* sobre o cuidado da casa comum e pelas suas ações e discursos que envolvem os problemas da sociedade, e a todos que o assessoraram para construção desta encíclica.

Agradeço a todas as demais pessoas que passaram em minha vida durante e que de alguma forma contribuíram para minha formação.

Que Deus abençoe a todos e que seus desejos bons e puros se concretizem.

“Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o meu irmão Sol, o qual faz o dia e por ele nos alumia. E ele é belo e radiante com grande esplendor: de Ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas, que no céu formaste claras, preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento, pelo ar, pela nuvem, pelo sereno, e todo o tempo, com o qual, às tuas criaturas, dás o sustento.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água, que é tão útil e humilde, e preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual iluminas a noite: ele é belo e alegre, vigoroso e forte.”

(São Francisco de Assis)

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema o estudo da consciência ambiental dos fiéis da igreja católica e a abordagem da encíclica *Laudato Si* sobre o cuidado da casa comum publicada pelo Papa Francisco em 2015. Diante da crise ecológica, é essencial a parceria entre instituições para a promoção da educação ambiental. A encíclica *Laudato Si* aborda sobre uma nova visão ecológica para os católicos, quebrando o paradigma do domínio do homem sobre a Terra. No entanto, eles entendem que são responsáveis pelo cuidado da criação, conforme suas crenças? O objetivo geral foi analisar se o paradigma do homem dominar a Terra conforme a fé cristã ainda prevalece. Os objetivos específicos pretendiam identificar se os católicos conheciam a encíclica, sua percepção diante dos problemas ambientais e se já participaram de ações de educação ambiental promovidas pela igreja. Por muitos séculos, acreditava-se no paradigma cristão que o homem deveria dominar a Terra e tirar todo o proveito necessário para seu crescimento, baseado na bíblia em Gênesis 1,28, acarretando um dano ambiental imensurável. A igreja católica atualmente rompeu esta concepção, ensinando que o homem deve guardar e cultivar a criação de Deus, conforme está em Gênesis 2,15, e que é responsabilidade do cristão ser um administrador fiel de toda a Terra, onde acredita que tudo foi criado por Deus. A educação ambiental possibilita essa abordagem em diversos segmentos, resultando na difusão da consciência ambiental, inclusive no religioso. A encíclica *Laudato Si* trouxe para os católicos uma reflexão necessária, abordando diversos assuntos que envolvem os problemas socioambientais. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa descritiva quantitativa por meio de levantamento de campo através de formulário online. Concluiu-se que todas as hipóteses foram rejeitadas, onde mais da metade dos fiéis pesquisados já ouviram falar da encíclica, acreditam que não são proprietários e nem dominadores da Terra; reconhecem serem responsáveis pelo cuidado do meio ambiente, no qual acreditam terem sido criados por Deus; estão cientes dos problemas ambientais que os cercam; e concordam em discutir meio ambiente e religião juntamente. Sugere-se a contínua difusão da encíclica, promoção de debates abertos com as comunidades locais, mudanças de hábitos ambientais, e criação de grupos de discussão para o desenvolvimento da conversão ecológica e da contemplação de toda a criação.

Palavras-chave: Igreja Católica. Encíclica *Laudato Si*. Crise Ecológica. Educação Ambiental.

ABSTRACT

This research studies the environmental conscience of the Catholic Church's faithful and the approach of the encyclical letter *Laudato Si* on care for the common home published by Pope Francis in 2015. Faced with the ecological crisis, the partnership between institutions regarding the promotion of environmental education is essential. The Encyclical *Laudato Si* brought a new ecological vision for Catholics by breaking the paradigm of man's dominion over Earth. But do they understand that they are responsible for the care of creation, according to their beliefs? The general objective of the research was to analyze whether the paradigm of man dominating the Earth according to the Christian faith still prevails. The specific objectives were to identify whether Catholics knew the encyclical, their perception on environmental issues, and if they have already taken part in environmental education actions promoted by the church. For many centuries, it was believed in the Christian paradigm that man should dominate the earth and take full advantage of its growth, based on the bible in Genesis 1.28, resulting in an immeasurable environmental damage. The Catholic Church has broken this conception, preaching that man should keep and nurture the God's creation, as it is in Genesis 2:15, and that it is the Christian's responsibility to be a faithful steward of the whole Earth, in which they believe that all was created by God. Environmental education enables this approach in several segments resulting in the diffusion of environmental awareness, including the religious one. The encyclical letter *Laudato Si* brought to the Catholics a necessary reflection, addressing many issues that involve socio-environmental problems. The methodology used was bibliographical, documentary, and quantitative descriptive research through surveys applied online. The research concluded that all the hypotheses have been rejected, where more than half of the faithful surveyed that have heard of the encyclical believe that they are not owners and do not dominate the Earth, recognize that they are responsible for the care of the environment, in which they believe they were created by God, are aware of the environmental problems that surround them and agree to discuss environment and religion together. The research suggests the continuous diffusion of the encyclical, promotion of open discussions with local communities, changes in environmental habits, creation of discussion groups for the development of ecological conversion and contemplation of all creation.

Key words: Catholic Church. Encyclical *Laudato Si*. Ecological Crisis. Environmental education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Respostas obtidas da pergunta: Dos problemas abaixo, marque quais deles você tem consciência que a sua região está sofrendo.	37
Gráfico 2 - Respostas obtidas da pergunta sobre o uso da água: marque em qual situação se aplica as informações abaixo em sua vida.	39
Gráfico 3 - Respostas obtidas da pergunta sobre manuseio do lixo: marque em qual situação se aplica as informações abaixo em sua vida.	41
Gráfico 4 - Respostas obtidas da pergunta sobre o consumo de produtos sustentáveis: marque em qual situação se aplica as informações abaixo em sua vida.	43
Gráfico 5 - Respostas obtidas da pergunta: poderia nos descrever em qual ocasião participou de uma discussão sobre o meio ambiente em sua paróquia?	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
EA	Educação Ambiental
Gn	Gênesis
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
WWF	World Wildlife Fund

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 REFERENCIAL TEÓRICO	16
1.1 O domínio <i>versus</i> o cuidado com a criação.	16
1.2 Educação ambiental e religião.	19
1.3 Ações da igreja católica na conscientização ambiental.	23
1.4 Encíclica <i>Laudato Si</i> sobre o cuidado da casa comum.	25
2 METODOLOGIA	30
3 RESULTADOS	33
3.1 O paradigma cristão de dominar a criação ainda prevalece?	33
3.2 Consciência ecológica do católico.	37
3.3 A educação ambiental pela igreja católica.	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE	50

INTRODUÇÃO

“Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras”. Este trecho faz parte do cântico do santo católico São Francisco de Assis¹, padroeiro dos ecologistas, e inicia a Carta Encíclica *Laudato Si* sobre o Cuidado da Casa Comum do Papa Francisco, publicado em 2015, dirigido a todos os habitantes do planeta e não apenas aos fiéis da igreja católica apostólica e romana no qual ele é chefe máximo.

Carta Encíclica é uma circular que o Papa envia a todos os bispos do mundo católico sobre um determinado assunto que ele quer ensinar (AQUINO, 2017a). Assim, resgatando alguns propagadores religiosos defensores do meio ambiente, como São João Paulo II que convida a uma “conversão ecológica global” e o Patriarca Ortodoxo de Constantinopla Bartolomeu I que enfatiza a “necessidade de cada um se arrepender do próprio modo de maltratar o planeta”, papa Francisco os traz como exemplos das igrejas cristãs envolvidas com o meio ambiente e inova dentro da igreja católica e entre os seus 265 antecessores com uma encíclica voltada apenas para o assunto do meio ambiente e colocando como dever dos fiéis da igreja cuidar da criação.

A educação ambiental (EA) tem se expandido muito nas últimas décadas, mas não o suficiente para alcançar um nível de conscientização global. Constatase facilmente que ainda faltam milhares de pessoas para serem conscientizadas ambientalmente e terem seus hábitos mudados. A mobilização ambiental individualizada de diversos segmentos pode ser um caminho para estreitar a chegada da informação a cada pessoa. Pensando-se em segmentos, destaca-se o religioso, que visam, em sua maioria, promover mudanças na vida dos seus

¹ Francisco nasceu em 1181 na Itália, na cidade de Assis. Jovem vaidoso e rico, alistou-se no exército aos 20 anos e foi para a guerra. Feito prisioneiro, adoeceu na prisão, sendo resgatado pelo pai. Teve diversas visões e alucinações. Aos 24 anos, despojou-se de todos os seus bens e deu aos pobres, inclusive da roupa do próprio corpo, sendo deserdado pelo pai, que o considerou como um lunático. Dedicou-se a cuidar dos doentes e pobres de sua região. Fez peregrinação até Roma, no qual o Papa Inocêncio III reconheceu a ordem franciscana, uma das maiores congregações religiosas até hoje. Fez voto de pobreza e saía pregando a palavra e o arrependimento. Participou da quinta cruzada, sendo preso pelos muçumanos maometanos, que, devido a suas palavras, não tiveram coragem de matá-lo e o soltaram. Tratava a natureza como irmã. Conta-se que pregava para as aves e com suas palavras amansou um lobo que atacava. Foi o primeiro santo a receber os estigmas (cicatriz da crucificação de Jesus). Morreu em 1226 e foi canonizado dois anos depois. Considerado como padroeiro dos ecologistas. (AQUINO, 2017b; 2017c)

seguidores para alcançar suas necessidades, graças, salvação, paz espiritual, e que acabam por serem grandes influenciadoras de mudanças de hábitos ou mesmo de vida.

Finalmente é dada pela religião católica uma verdadeira importância à extrema e urgente necessidade do cuidado com o planeta que o papa chama de casa comum. Pode-se pensar com uma perspectiva de religião que está tendo um desvio de finalidade ser debatido esta temática nas igrejas, porém como o próprio título da Encíclica sugere, o cuidado é com a Terra, que é a casa comum a todos, independentemente das crenças de cada um, pois apesar das consequências da crise ambiental atingir principalmente as populações mais vulneráveis, mais cedo ou mais tarde atingirá a todos, necessitando de muita conscientização e ações conjuntas na defesa do meio ambiente.

Por vários séculos, prevalecia um paradigma cristão que tinham a Terra como um domínio absoluto do homem no qual fora dado por Deus, podendo retirar dela tudo que precisassem para seu crescimento e sustento, gerando abusos da terra, escassez de recursos, alterações climáticas, extinções de espécies e muita miséria. A encíclica *Laudato Si* vem romper este paradigma atrelado ao cristianismo, atribuindo ao homem a responsabilidade de cuidar da criação e a preocupação com a sustentabilidade, necessitando que seja garantida a conservação de todas as formas de vida e o futuro das gerações.

Diante deste confronto de paradigma e a adesão da igreja católica na defesa do meio ambiente, o presente trabalho tem como tema o estudo da consciência ambiental dos fiéis católicos e a publicação da encíclica *Laudato Si* sobre o Cuidado da Casa Comum. A encíclica *Laudato Si* aborda sobre uma nova visão ecológica para os católicos, quebrando o paradigma do domínio do homem sobre a Terra. No entanto, eles entendem que são responsáveis pelo cuidado da criação, conforme suas crenças?

Foram levantadas as seguintes hipóteses consideradas necessárias para responder à pergunta de pesquisa se os fiéis:

- ✓ Sequer ouviram falar da encíclica *Laudato Si*;
- ✓ Continuam a acreditar serem proprietários e dominadores absolutos da Terra;
- ✓ Não se consideram responsáveis pelo zelo da Terra, no qual creem que foi criada por Deus;
- ✓ Não tem consciência da crise ecológica que o planeta enfrenta; e

- ✓ Os fiéis não concordam em discutir meio ambiente e religião juntos.

Assim, o objetivo geral da pesquisa é verificar se o paradigma de dominar a terra ainda existe entre os católicos após a publicação da encíclica.

Os objetivos específicos são:

- ✓ Identificar entre o público alvo se possuem conhecimento do teor da encíclica *Laudato Si*;
- ✓ Identificar a percepção dos católicos frente aos problemas ambientais; e
- ✓ Verificar se a consciência ambiental pela igreja chegou até eles.

A relevância desta pesquisa consiste que uma vez identificado se a encíclica alcançou ao menos seus fiéis, já que ela é dirigida a todos as pessoas, serão sugeridos meios para a igreja na conversão de seus fiéis ecologicamente, aproveitando do seu poder de evangelização, no qual visam levar a boa nova, para a esperança de um homem novo e uma mulher nova, para assim poderem viver em um mundo novo. A academia científica precisa formar parcerias e ter meios para educar as pessoas ambientalmente. Precisa ir para o meio onde se encontram as pessoas. O tempo é cada vez menor para salvar a Terra.

A pesquisa foi feita a partir do levantamento das percepções de mundo diante da fé dos fiéis da igreja católica por meio de pesquisa descritiva. Os dados foram coletados com base nas respostas registradas por meio de formulário Google onde os participantes responderam digitalmente, no qual envolveram perguntas quanto ao conhecimento da encíclica *Laudato Si*, nível de conscientização ambiental, seus hábitos ambientais e se estão abertos para receberem educação ambiental.

O trabalho apresentará inicialmente o referencial teórico apresentando a percepção de autores sobre a interpretação da bíblia e o domínio da natureza pelo homem, a igreja católica e sua atuação como educadora ambiental, destacando-se principalmente as Campanhas da Fraternidade e uma contextualização da encíclica *Laudato Si*. Posteriormente, apresentará a metodologia. Os resultados serão apresentados com base nas respostas obtidas do questionário. Por fim, a conclusão fará o confronto das hipóteses levantadas com o resultado da pesquisa, responderá à pergunta de pesquisa, dirá se alcançou os objetivos do trabalho e fará sugestões, se necessário, para a disseminação da educação ambiental na igreja.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 O domínio *versus* o cuidado com a criação.

O cristianismo crê na criação divina no qual um único Deus criou tudo e todos, conforme relatos bíblicos. E é exatamente na bíblia² que teve um de seus versículos no primeiro livro Gênesis (Gn), como uma das justificativas dadas no mundo para a exploração do meio ambiente e submissão de toda a vida aos pés dos seres humanos. O versículo é o de número 28, logo no primeiro capítulo que descreve "Deus os abençoou: Frutificai, disse ele, e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra." (BÍBLIA SAGRADA, 2008, p. 49, 50).

Limeira e Andrade (2013, p. 198) resgatam que diversos autores sugerem como o principal motivo da crise ecológica ocorrer foi devido o homem se colocar como superior e dominador da natureza decorrente da influência da religião judaico-cristã. Gusman Júnior (2015, p. 3) também reforça a existência de argumentos que a narrativa apresentada em Gênesis contribuiu para o desejo devastador do homem sobre a natureza.

Silva, Gama, & Nascimento (2015, p. 3) também afirmam a culpabilização das "tradições religiosas de motivarem o uso desenfreado e irracional dos recursos naturais e do meio ambiente, isto por postularem que o antropocentrismo tem fulcro nos fundamentos bíblicos", chegando os autores a constatarem que os que responsabilizam a religião cristã concluem que "Nenhuma religião no mundo é mais antropocêntrica que o cristianismo". A responsabilização também pode ser explicitada no trecho abaixo:

Entende-se que as raízes da crise estão assentadas no paulatino processo histórico de afastamento do ser humano perante a Natureza, efetuado desde a instauração do monoteísmo e do Iluminismo, resultando no atual paradigma antropocêntrico utilitarista. (LAYRARGUES, 2006, p. 2)

Questionam-se Silva, Gama e Nascimento (2015) se não seria exatamente o contrário no qual o homem deveria cuidar da criação, indicando que devido à crise

² Significa livros em grego. A bíblia católica contém 73 livros sagrados no qual descreve histórias, ensinamentos, orações e poesias no qual creem que contém a revelação da aliança e o plano de salvação de Deus com os homens. (NABETO, s.d.)

é natural buscar todos os responsáveis. Na encíclica *Laudato Si* aceita esta acusação, mas afirma claramente que:

Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de sermos criados à imagem e semelhança de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas. (FRANCISCO, 2015, p. 53)

Esta responsabilização do caos ambiental atrelado à religião cristã, ainda que verdadeira e comprovada, não a torna uma vilã na sociedade. É preciso compreender que a religião, como destaca sabiamente Alves (1984, p. 48) pode “ser usada para iluminar ou para cegar, para fazer voar ou paralisar, para dar coragem ou atemorizar, para libertar ou escravizar”. Diante desta perspectiva, qualquer religião pode incorrer em consequências positivas ou negativas para os que a seguem ou para toda a sociedade. O que vai definir estas consequências são os interesses e desejos de seus membros, além da própria época e a disposição do conhecimento.

A religião católica passou por esse processo de mudança da percepção possivelmente devido à capacidade da educação ambiental ser um “vetor de transformação ambiental” (LAYRARGUES, 2006, p. 6) sendo capaz de provocar mudanças sociais, inclusive dentro das religiões, ainda que tenham concepções tão enrijecidas de suas doutrinas.

O cristianismo, indo além das inquisições, domínio do Estado e monopólio do conhecimento, teve muitas contribuições para a evolução humana e a melhoria das relações sociais, desde as histórias, mandamentos e ensinamentos de Jesus e seus apóstolos na bíblia até atitudes guerreiras e corajosas de seus fiéis que foram santificados, que lutaram pelo direito à sua fé, até contra a própria igreja na qual acreditavam.

Há de se resgatar São Francisco de Assis que teve uma relação de amor com a natureza (GUSMAN JÚNIOR, 2015), não por romantismo, mas por enxergar a beleza e entender a necessidade do respeito em cada obra divina. Conforme Adão (2007, p. 3) o menciona, Francisco de Assis “ampliou a interpretação do cristianismo, se relacionando misticamente com a natureza e reconhecendo a presença do divino em todas as formas de vida”.

Logo, com a reflexão que “Ninguém cria a sua obra para ser destruída” (GUSMAN JÚNIOR, 2015, p. 3) a justificativa para exploração da natureza conforme interpretação de Gn 1, 28 não há uma mínima coerência. Na crença cristã, Deus é todo poderoso e sábio. Como, então, este Deus criaria o homem e o deixaria dominar suas demais obras até que se esgotassem todos os recursos e destruísse toda a perfeição que a natureza possui, como água e ar puro, não havendo mais como o próprio homem sobreviver?

A utilização dos verbos submeter e dominar sobre toda a “criação”, colocando toda a natureza ao serviço do homem, teve uma nova interpretação, que a igreja prega atualmente, no qual considera a passagem bíblica, também em Gênesis (2008, p. 50), no capítulo seguinte, versículo 15, no qual diz que: "O Senhor Deus tomou o homem e colocou-o no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo.". Daí, não é possível praticar esse tipo de domínio desenfreado, tendo que ao mesmo tempo cultivar e guardar a obra de Deus. Gusman Júnior (2015, p. 2) considera inclusive que os seres humanos necessitam “reconhecerem-se como administradores dos bens disponibilizados pelo Criador”.

No livro de Deuteronômio (Dt), Gusman Júnior (2015, p. 3-4) resgata algumas passagens bíblicas que demonstram o cuidado com a criação, podendo ser destacado o versículo que orienta o cuidado com as árvores, não devendo trata-las como um homem ao qual odeiam:

Quando sitiarees uma cidade durante longo tempo e tiveres de lutar para apoderar-te dela, não cortarás as árvores a golpe de machado; comerás os seus frutos, mas não derrubará as árvores. A árvore do campo seria porventura um homem para que a ataques? (BÍBLIA SAGRADA, 2008, p. 236, Dt 20-19)

Ora, considerando que a racionalidade é a maior diferença que o ser humano tem dos outros seres vivos e que o possibilitou a sobreviver, adaptar-se e desenvolver-se, o homem pode usar da sua inteligência, com tanto conhecimento e tecnologias que possui para cuidar do planeta na situação atual que se encontra. Têm condições de reparar os danos causados pelos seus antecessores e frear as ações dos que ainda persistem em causar dano à natureza, que já não o fazem com o argumento de dominar conforme a bíblia, mas por ambição e egoísmo.

Na bíblia sagrada utilizada pela igreja católica, a criação é exaltada por Jesus³, conforme relata no livro de Mateus (2008, p. 1290), no qual diz “Considerai como crescem os lírios do campo; não trabalham nem fiam. Entretanto, eu vos digo que o próprio Salomão no auge de sua glória não se vestiu como um deles.” Uma flor, que é uma forma de vida tão simples e frágil, foi exaltada acima do esplendor de um grande rei antigo, reforçando o valor dado à criação por Jesus, origem do cristianismo, na qual a religião católica considera como Deus Filho e instituidor da igreja no qual seguem.

1.2 Educação ambiental e religião.

Em pleno século XXI, a sociedade se deparou com um problema mundial que afeta a todos: a crise ecológica. Há algumas décadas, quando se tornaram conscientes que o crescimento acelerado e a extração desregrada de recursos naturais causariam escassez no futuro, além da academia científica, a causa ambiental era defendida no meio social por pessoas tidas como “verdinhos”, ambientalistas ou por movimentos sociais, como o movimento hippie. A sociedade, em sua maioria, ignorava a realidade.

Porém, a crise ambiental tem exigido mundialmente a necessidade da conscientização da preservação do meio ambiente em todos os lugares, para que assim sejam possíveis mudanças de atitudes e hábitos e as populações possam saber cobrar de seus governos e do mercado ações corajosas em prol da ecologia. Esta percepção do todo, ou seja, esta visão planetária é proposta por Murad (2013, p. 446) que define como “Consciência ou visão planetária significa, basicamente, a (re) descoberta de que o mundo se torna um todo, o ser humano é membro da Terra e deve assumir a responsabilidade pelo futuro do planeta habitável”.

Atualmente, tem aumentado o número de pessoas conscientes da crise ambiental graças às diversas ações. Abordagens pedagógicas nas escolas, desde o estudo da poluição; apoio da mídia com reportagens ou documentários que expõem os problemas ambientais; movimentos que surgiram de pessoas vítimas das consequências da crise; e até mesmo de pessoas que foram envolvidas em

³ Jesus Cristo conforme relatos bíblicos é o Filho de Deus, salvador dos homens, que veio para anunciar a vida eterna e ensinou seus seguidores uma nova forma de viver. Diversos documentos romanos, judaicos e cristãos confirmam sua existência como homem. (AQUINO, 2010, p. 16-18)

programas de educação ambiental e que aderiram à causa possibilitou que a sociedade compreendessem as diversas ameaças que o ser humano está enfrentando e que afetarão as gerações futuras, provocadas em grande parte pela ação antrópica, como a escassez dos recursos naturais, alterações climáticas, perdas da biodiversidade e aumento dos resíduos.

As empresas estão mudando seus hábitos, seja por exigências legais, seja pela exigência dos seus clientes. Instituições de ensino do infantil ao médio tem introduzido a educação ambiental para seus alunos. Cursos correlacionados com o meio ambiente de ensino superior, como agronomia, engenharias, ciência ambiental, biologia, além de cursos recém-criados como gestão ambiental, tem voltado suas grades para a conservação do meio ambiente, visando a sustentabilidade, utilização da terra da forma mais proveitosa, menos danosa e garantindo recursos para as gerações futuras.

Organismos internacionais também têm se unido para exigir compromissos dos governantes dos países, principalmente os maiores poluidores, como a China e os Estados Unidos. Organizações não-governamentais fortaleceram-se mais, expandindo-se a cada ano e estabelecendo-se em mais países na defesa do meio ambiente, como a popular WWF (World Wildlife Fund⁴).

No Brasil, a educação ambiental virou até política, por meio da Lei n. 9.795 de 27 de abril de 1999, no qual em seu artigo 1º, definiu educação ambiental como:

(...) os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, 1999)

Logo, se as religiões conseguirem construir os valores que a lei propõe em vista da proteção do meio ambiente a ajuda no combate à crise ecológica a ajuda será muito bem-vinda, possibilitando assim, alcançar o “pluralismo de ideias e concepções pedagógicas” conforme um dos princípios básicos da educação ambiental no inciso III, art. 4º, da Lei 9.795/1999. Exatamente este pluralismo de

⁴ Em português Fundo Mundial da Natureza. Fundada em 1961 na Suíça, iniciaram-se projetos ambientais no Brasil em 1971, mas apenas em 1996 foi criada oficialmente a WWF-Brasil. Busca a conservação da diversidade, sustentabilidade e combate a poluição e desperdício. É a maior organização mundial deste tipo no mundo. (WWF, s.d.)

ideias, que a concepção religiosa cristã vem trazer, principalmente para seus fiéis na responsabilidade de guardar e cultivar a criação do seu Criador.

Pode-se insistir na questão tanto dos fiéis da igreja quanto da academia científica quanto à possibilidade das igrejas atuarem como educadoras ambientais, conciliando ecologia e religião, ciência e fé, diante da imensa diversidade de concepções. Porém, é necessário aproveitar da capacidade que as religiões têm de influenciar seus fiéis em suas “atitudes, percepções e nos valores” (MUSA, OLIVEIRA e RAFAELA, 2006) tornando-se importantes meios para educação ambiental.

Adão (2007, p. 2-3) fundamenta a educação ambiental na interdisciplinaridade e na visão holística de mundo, no qual possibilita “a contribuição de diversas expressões espirituais nas diferentes culturas religiosas para as discussões pertinentes a educação ambiental” que por si só já permitem diversas abordagens, assim como diversas percepções de mundo, no qual os indivíduos buscam o comprometimento com a saúde planetária através da religiosidade.

Verifica-se então o espaço das religiões exatamente como um ambiente não-formal, previsto no art. 13 da Lei n. 9.795/1999 para servir como espaço de desenvolvimento da educação ambiental (MORAES e MORAES, 2016), visando a promoção do conhecimento e da inserção de mais membros na luta para defender o meio ambiente.

Algumas religiões têm suas doutrinas plenamente relacionadas com a natureza, como a cultura hindu, no qual Adão (2007, p. 3) refere-se à cultura religiosa do povo indiano que mantém formas simples de viver voltadas para o sagrado de suas crenças em seus deuses milenares, resultando uma relação sustentável com a natureza, por meio de uma vida mais saudável em corpo e espírito e ainda com a compreensão do mundo.

O candomblé é outra religião destacada por Adão (2007, p. 3) no qual acreditam que os elementos da natureza se emanam dos orixás, sendo a agressão a esses elementos uma agressão à própria divindade. As diversas práticas religiosas proporcionam diversas abordagens, mas todas elas essenciais para educação ambiental e que proporcionará a construção de uma consciência ambientalmente correta (ADÃO, 2007, p. 5).

Considerando que no Brasil a grande maioria da população considera-se cristã, conforme Júnior (2015, p. 2), aproximadamente 90%, sendo que 65% creem na Igreja Católica e 22% que se denominam como Evangélicos, tem nestas religiões cristãs a comunhão da fé em seu monoteísmo, no qual Deus é uno e criador de todas as coisas visíveis e invisíveis baseados nos pilares da bíblia. “Trata-se de um aliado importante na busca de um mundo melhor para todos os seres vivos” (NAHRA, GALLO, *et al.*, 2014). Assim, há uma possibilidade de diálogo para uma mudança do paradigma total do cristão de dominador para administrador.

Gusman Júnior (2015, p. 2) resgata a homilia de São Basílio de Cesaréia⁵ (PATRÍSTICA, 1999) na qual convida o homem a reconhecer o seu doador, recordando-se a si mesmo de quem és, que coisa administra e de quem recebeste estas coisas. Esta visão coloca toda a criação não como fim a serviço do homem, mas como meio do homem para alcançar a Deus.

Há de ser ressaltado que além do cuidado com a natureza, com a terra, ar, água, o homem está completamente relacionado com o meio e uma mínima alteração no ambiente ele é afetado, ainda que pareça imperceptível. Esta visão que dissocia o homem da natureza (MUSA, OLIVEIRA e RAFAELA, 2006, p. 82) reduz as chances das pessoas envolverem-se nas causas ambientais, não enxergando que podem ser vítimas.

Também, as necessárias preocupações que as religiões demonstram nas relações sociais é um fator positivo e essencial no cuidado com o planeta. Mendonça (2016) resgata a frase da poetisa Adélia Prado que expressou gentilmente essa necessidade do se importar com outro antes de pensar em cuidar do meio ambiente: “Não tem jeito de fazer ecologia sem olhar para dentro, sem cuidar primeiro da ecologia interior. “Se o coração não está educado para essa compaixão de uma pessoa para com a outra, como é que alguém vai cuidar de planta e de água?”. E na fé cristã, conforme a encíclica *Laudato Si* traz, podem ser encontradas as raízes mais profundas na defesa da dignidade das pessoas (FRANCISCO, 2015, p. 51)

⁵ Conhecido também como São Basílio de Cesaréia, nasceu no ano 329 d.C. em Cesaréia, na Turquia. Estudou em Atenas e Constantinopla, tornando-se bispo de Cesaréia. Escreveu diversas constituições religiosas. Trabalhava em favor dos pobres e foi o primeiro bispo a fundar hospitais, asilos e orfanatos para os mais pobres. Pioneiro da vida cenóbica cristã. Morreu em 379. (PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL, s.d.)

Esse pensar é resgatado por Brugger (1993, p. 215) quando diz que pensar em educação ambiental implica uma “avaliação crítica da dimensão individualista”. É pela sociedade ser individualista que os interesses de poucos resultam em problemas tão danosos e quase que irreversíveis afetando a tantas pessoas. E os preceitos cristãos podem contribuir para a formação desta educação ambiental, inspirados em Jesus e em São Francisco de Assis (ADÃO, 2007). Além de que para se alcançar a responsabilidade global que a educação ambiental tanto almeja, é necessária a responsabilidade com o outro, em um gesto de reciprocidade, pensando nas demais formas de vida e nas futuras gerações (MURAD, 2013, p. 447).

1.3 Ações da igreja católica na conscientização ambiental.

Na Igreja Católica, a questão ambiental vem sendo largamente difundida por meio da Doutrina Social da Igreja, que é o “ensinamento social da igreja”, afrontando as questões sociais com o Evangelho, apresentando as diretrizes, princípios de reflexão e critérios de julgamento instruindo a um “discernimento moral e pastoral” buscando alcançar o “humanismo integral e solidário” (Compêndio da doutrina social da igreja, 2004, p. 13-14).

A Doutrina Social reservou um capítulo do documento para tratar do meio ambiente, colocando a natureza como um bem de tutela coletiva de toda humanidade, não podendo utilizar dela conforme os próprios interesses impunemente (SILVA, GAMA e NASCIMENTO, 2015, p. 4), reafirmando as ligações mútuas entre todos os seres vivos que habitam o planeta Terra.

E dentro da doutrina social está a teologia ecológica na qual busca compreender esta relação da criação com a fé. Aos poucos o catolicismo foi se inserindo nas discussões ambientais, inclusive um representante oficial do Vaticano participou da Conferência Rio 92⁶ no Brasil (SILVA, GAMA e NASCIMENTO, 2015).

Entre as principais atuações da igreja católica brasileira na conscientização social, estão as Campanhas da Fraternidade promovidas pela CNBB (Conferência

⁶ Rio-92 foi a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cnumad) realizada no Rio de Janeiro em junho de 1992, onde a comunidade política internacional admitiu a necessidade do “desenvolvimento socioeconômico com a utilização dos recursos naturais” (SENADO, s.d.)

Nacional dos Bispos do Brasil), que ocorrem todos os anos no período da quaresma⁷ na igreja, com o propósito para um “caminho de conversão quaresmal”. Este período exorta seus fiéis a conversão e mudança de vida, por meio dos exercícios de jejum, no qual incentiva a um esvaziamento e expropriação; a oração e a esmola. E é exatamente neste contexto que a CNBB convida seus fiéis a “irrigar a fé e mostrar a solidariedade dos seus fiéis e agir em relação a uma realidade concreta que envolve a sociedade, buscando refletir e encontrar caminhos de solução” (GUSMAN JÚNIOR, 2015, p. 5), apresentando um tema diferente para cada ano.

A primeira campanha que teve uma relação com o meio ambiente foi em 1979 com o tema “Por um mundo mais humano” e o lema “Preserve o que é de todos” abordando a defesa e preservação do meio ambiente. Em 1986, a campanha foi sobre “Fraternidade e a terra” com o lema “Terra de Deus, terra de irmãos” no qual questionou a má distribuição de terras (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2017, p. 20).

Em 2004, o tema da Campanha da Fraternidade foi “Fraternidade e água” e com o lema “Água, fonte de vida” com o objetivo de conscientizar o uso e proteção da água contra o desperdício, poluições e contaminações. O tema “Fraternidade e Amazônia” foram escolhidos para o ano de 2007, com o lema “Vida e missão neste chão” trazendo a Amazônia com seus povos, ecossistemas, culturas e sofrimentos para a luta conjunta de seus direitos. Em 2011, o tema foi “Fraternidade e a vida no planeta” com o lema “A criação geme em dores do parto” no qual discutiu sobre o aquecimento global e as mudanças climáticas. “Casa comum, nossa responsabilidade” foi o tema de 2016, com o lema “Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca” discutindo a necessidade e importância do saneamento básico em todo o país. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2017, p. 21)

Por fim, em 2017, continuando no enfoque ambiental, o tema da campanha foi “Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida” e seu lema foi “Cultivar e guardar a criação”, inspirado exatamente em Gn 2,15. O texto-base apresenta o método usado para a campanha que se baseia em ver, julgar e agir (NAHRA,

⁷ A quaresma é um período de quarenta dias em que a igreja católica todos os anos se une ao mistério de Jesus no deserto. Este período precede a páscoa, no qual celebram a ressurreição de Jesus. (Catecismo da Igreja Católica, 2011, p. 153, item 540)

GALLO, *et al.*, 2014, p. 62). No primeiro momento, em ver, foi apresentado um panorama dos seis biomas brasileiros: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa, caracterizando-os com suas belezas, seus povos e fragilidades.

No segundo momento de julgar, são abordadas a percepção da tradição cristã e a criação, reafirmando a necessidade do cuidado e de uma interpretação adequada dos textos bíblicos e do magistério da igreja, destacando a encíclica *Laudato Si* e os apelos do Papa Francisco para uma ecologia integral. Por fim, o agir propõem várias ações de caráter geral como “Incentivar a criação de um projeto de lei que impeça o uso de agrotóxicos” e de caráter específico para cada bioma como, por exemplo, a ação “Trabalhar pelo reconhecimento do Cerrado como patrimônio nacional”, através de uma ampla e participativa reflexão e discussão para aprovação da PEC 504/2010, que beneficiará também o bioma Caatinga” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2017, p. 91, 92, 97).

A pastoral da ecologia é uma alternativa que vem se desenvolvendo aos poucos. Silva, Gama e Nascimento (2015, p. 2) sugerem sua instituição para buscar o cuidado com o planeta como dever de fé e vida. Essa pastoral serviria para envolver os fiéis “num processo de conscientização” para assim ter pessoas engajadas para defender o meio ambiente (SILVA, GAMA e NASCIMENTO, 2015, p. 6) permanentemente, e não apenas na quaresma, além de se capacitarem formalmente para serem bons educadores ambientais.

1.4 Encíclica *Laudato Si* sobre o cuidado da casa comum.

A encíclica *Laudato Si* publicada pelo Papa Francisco em 2015 trouxe uma inovação na igreja. Isso ocorreu devidos às preocupações que este papa tem, diferenciando de seus antecessores. Primeiro papa da América, ele é um jesuíta argentino que vem demonstrando nos primeiros anos de seu papado a preocupação com a sociedade e surpreendendo a muitos.

Inicialmente o papa dirige-se a todos, exortando-os para a defesa do meio ambiente e apresenta falas de outros membros da igreja que demonstraram a preocupação com o meio ambiente. A encíclica foi dividida em seis capítulos: o que está a acontecer a nossa casa, o evangelho da criação, a raiz humana da crise

ecológica, uma ecologia integral, algumas linhas de orientação e ação; e educação e espiritualidade ecológicas.

O capítulo um “o que está a acontecer a nossa casa” apresenta diversos problemas ecológicos que o planeta vem passando, discorrendo sobre eles, não fazendo uma análise exaustiva e científica, mas convidando os leitores a refletirem e tomarem uma “dolorosa consciência” destes problemas. Assim, é abordado sobre diversas formas de poluição, como a atmosférica, os resíduos, transformando o planeta em um “imenso depósito de lixo”, no qual muitos deles não são biodegradáveis, criticando a cultura do descarte; a alteração do clima e o aquecimento global; a escassez de água potável, contaminação da água e a ameaça da sua privatização; a perda da biodiversidade, destruição de habitats; destruição da qualidade de vida, inclusive das relações sociais; e a desigualdade planetária, destacando a “dívida ecológica” dos países do Norte com o Sul, vítimas da exploração dos séculos passados (FRANCISCO, 2015).

O segundo capítulo que tem como título “O Evangelho da Criação” traz a abordagem da fé sobre cuidado com a criação, reconhecendo que ainda que tenham pessoas que não acreditem nas religiões, as soluções para o mundo não virão de uma única realidade, demonstrando que nas narrações bíblicas e na fé cristã encontram-se “as razões mais profundas” para o compromisso de cuidar da criação, apresentando vários exemplos bíblicos. Coloca como dever dos cristãos o cuidado e reforça que fazem parte da fé que creem. Apresenta a criação como projeto do amor de Deus: “Até a vida efêmera do ser mais insignificante é objeto do seu amor e, naqueles poucos segundos de existência, Ele envolve-o com seu carinho” (FRANCISCO, 2015, p. 61). Critica o sentimento de proteção de outros seres, sem indignar-se com as desigualdades e sofrimentos dos homens, reforçando a necessidade de proteger o homem da própria destruição, sugerindo o desenvolvimento das virtudes ecológicas. Destaca a coletividade dos bens e a harmonia com que Jesus vivia com a criação (FRANCISCO, 2015).

“A raiz humana da crise ecológica” é o título do terceiro capítulo destacando principalmente o paradigma tecnocrático. Inicia reconhecendo a criatividade humana nas mais diversas tecnologias e na revolução digital, que melhorou a vida do homem, como na “medicina, engenharia e comunicação” e as novas alternativas para o desenvolvimento sustentável. Porém, vem destacar o poder acumulado naqueles que detêm o conhecimento e o poder econômico, gerando um domínio

em todo o mundo, condicionando a “vida das pessoas e o funcionamento da sociedade”, afirmando que o “homem moderno não foi educado para o reto uso do poder”. Critica o consumismo, “a razão técnica acima da realidade” e que “não há ecologia sem uma adequada antropologia”, destacando ser necessária a cura das relações humanas fundamentais (FRANCISCO, 2015).

Posteriormente, parte para a discussão do relativismo prático quando o homem se coloca no centro, priorizando seus interesses e tudo o mais é relativo, resultando no aproveitamento e exploração dos outros. Valoriza a necessidade da criação de postos de trabalho, incitando que a ajuda aos pobres financeiramente deve ser um “remédio provisório”, mas que o objetivo deve ser oferecer-lhes dignidade através do trabalho, criticando a substituição do homem pelas máquinas, em vista da redução de custos e aumento dos lucros. Por fim, destaca a inovação biológica, com a incerteza dos transgênicos e a concentração de terras nas mãos de poucos, clamando por espaços de debates entre todos os envolvidos e divulgação de informações amplas e fidedignas. (FRANCISCO, 2015)

O capítulo quatro vem discutir “Uma ecologia integral” que inclua “as dimensões humanas e sociais”, insistindo que tudo está interligado e quão é bela essa ligação e que o ser humano está compenetrado na natureza e que é preciso soluções integrais entre os sistemas naturais e sociais. Reforça a necessidade dos pesquisadores terem ampla liberdade acadêmica e critica a automatização e homogeneização. Parte para a discussão da precariedade dos sistemas institucionais dos países, a corrupção, comportamento ilegais e frequente violação das leis quando existem (FRANCISCO, 2015).

Prioriza o cuidado das riquezas culturais da humanidade, afirmando que “o desaparecimento de uma cultura pode ser tanto ou mais grave do que o desaparecimento duma espécie animal ou vegetal”, precisando resolver os problemas de cada região com a participação ativa dos habitantes do local e respeitando o modo como enxergam a qualidade de vida, pedindo atenção especial às comunidades aborígenes, que tem a terra como “(...) dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam de interagir para manter a sua identidade e os seus valores”. Louva a ecologia humana que os pobres desenvolvem diante das suas limitações. Aborda sobre as problemáticas cotidianas, falta de habitação, transportes precários e violência. Traz a inseparabilidade da ecologia integral com o bem comum, que pressupõe os

direitos fundamentais e inalienáveis, que devem ser garantidos também às gerações futuras e requerem a paz social. (FRANCISCO, 2015)

O próximo capítulo, cinco, traz “Algumas linhas de orientação e ação”, sugerindo o diálogo na política internacional que necessita de um consenso mundial sob uma perspectiva global, sem interesses de alguns países, valorizando a diplomacia. Critica a lentidão da política e da indústria para se adequarem, baixa implementação de acordos internacionais, destacando as injustiças de algumas estratégias, que penalizam países poluidores, mas que são países pobres frutos da exploração de países mais ricos que transferiram seus problemas para fora. Depois, ressalta o diálogo nacional e local e que se os cidadãos não controlam o poder público, possivelmente não controlarão os problemas ambientais. Parte para a discussão política fragilizada pelo imediatismo, contrapondo-se as soluções ambientais que são longas: “(...) não se podem modificar as políticas relativas às alterações climáticas e à proteção ambiental todas as vezes que muda um governo” (FRANCISCO, 2015).

Os empreendimentos são criticados, ressaltando a prioridade de um estudo de impacto ambiental, ações de controle e monitoramento constante, atendendo ao princípio da precaução. Coloca que a economia e a política dever estar ao serviço da vida, precisando “abrandar um pouco a marcha”, considerando a biodiversidade não como meros recursos, mas com o seu real valor. Essa perspectiva não deveria ser vista como frear o desenvolvimento, mas como usar a inteligência para resolver “(...) os problemas urgentes da humanidade; poderia gerar formas inteligentes e rentáveis de reutilização; recuperação funcional e reciclagem; poderia melhorar a eficiência energética das cidades”, banindo os meios-terros e redefinindo o progresso. Por último, traz a necessidade das religiões dialogarem, assim como as diversas ciências, pois assim como os problemas estão interligados, as soluções também necessitam estar (FRANCISCO, 2015).

Por último, o capítulo seis aborda sobre “Educação e espiritualidade ecológicas”, trazendo que “Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos”. Nesta perspectiva, aborda sobre o consumismo excessivo, que envolve em um paradigma da liberdade de consumo, mas que pode estar na liberdade que uma minoria que detêm o poder impôs. As pessoas estão perdendo sua identidade, seguem as normas até que não vá contra seus interesses. Reforça que a responsabilidade social dos

consumidores, convidando a uma autotranscedência, no qual se reflete os impactos que as decisões e ações pessoais podem ter exteriormente: “o tema da degradação ambiental põe em questão os comportamentos de cada um de nós” (FRANCISCO, 2015).

Para alcançar novos hábitos, traz a educação ambiental como um desafio para criar uma cidadania ecológica, vindo para criticar mitos da modernidade e recuperar o equilíbrio ecológico, porém precisa ir além do informar para a maturação dos hábitos. Propõe o cultivo de virtudes sólidas que firmem o compromisso ecológico refletido nas ações diárias que se difundem invisivelmente. Destaca e releva a importância da família, que ensina os primeiros hábitos da vida, desde os gestos de cortesia. Atribui também à política, às associações e à igreja a formação ambiental e de o próprio homem controlar a si e educar o outro (FRANCISCO, 2015).

Por fim, traz a necessidade da conversão ecológica pelos cristãos, inclusive daqueles comprometidos com a fé, mas não interessados no meio ambiente, devendo viver como guardiões das obras de Deus; a contemplação e a paz, vivendo o agora com serenidade, reduzindo a velocidade da vida. Além de destacar alguns pontos da fé católica, como a Eucaristia e a Trindade, exorta que são precisos a fraternidade universal e a civilização do amor (FRANCISCO, 2015).

2 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos desta pesquisa procedeu-se pela pesquisa descritiva para possibilitar a compreensão da realidade dos católicos quanto à educação ambiental promovida pela igreja. A pesquisa descritiva tem como “objetivo estudar as características de um grupo” (GIL, 2008, p. 47). Como se deseja conhecer a opinião dos fiéis quanto à educação ambiental na igreja, principalmente quanto ainda pensam que são dominadores da Terra, adequa-se a pesquisa descritiva, pois “São incluídas neste grupo as pesquisas que tem por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população” (GIL, 2008, p. 47)

Apesar de ser pesquisa descritiva, pode se aproximar da pesquisa exploratória, por pretender oferecer uma nova visão da percepção dos católicos quanto ao mundo, deixando-se de acreditar que ainda se consideram como dominadores absolutos e não tem a responsabilidade do cuidado com a criação (GIL, 2008, p. 47).

Quanto aos meios para a realização da pesquisa, para acesso aos dados recorreu-se à pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental, além de levantamento de campo com aplicação de questionário, por meio de amostragem não probabilística, alcançando 85 pessoas que se consideram católicas.

A pesquisa bibliográfica foi feita com base em autores que já abordaram principalmente em trabalhos científicos sobre a atuação da igreja católica na educação ambiental, como Nilton Adão, Ulysses Gusman Júnior e o trabalho de Cassiano A. O. da Silva, Cyro L. M. Gama e Kelly T. L. Nascimento, além de outros trabalhos que embasassem explicações necessárias para a compreensão deste trabalho. Quanto à pesquisa documental foram utilizados materiais da igreja católica, principalmente os referentes às Campanhas da Fraternidade realizadas e a encíclica *Laudato Si* sobre os cuidados da casa comum do Papa Francisco.

Quanto à estratégia para acessar os dados foi utilizado o levantamento de campo que conforme Gil (GIL, 2008, p. 55) explica “caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer.” Este método é o mais ideal para confrontar as respostas dos entrevistados com as hipóteses levantadas, por meio de uma análise quantitativa das respostas, e diante das vantagens e desvantagens, por ser um bom método para pesquisas descritivas.

Para o levantamento de campo foi elaborado um questionário online (vide Apêndice) pelo aplicativo *Google Forms*, com vinte perguntas, que se dividiam em quatro grupos da seguinte forma: as cinco primeiras perguntas basearam-se na caracterização dos entrevistados, no qual era necessário saber principalmente se eram católicos, e saber a participação dos católicos entrevistados na igreja, pois quanto mais participantes são, mais poderiam afirmar quanto às mudanças na conscientização ecológica dentro da igreja.

As próximas perguntas referiram-se aos fatos, crenças e atitudes e comportamentos dos católicos (GIL, 2008, p. 124). As perguntas de 6 a 11 foram elaboradas para verificar a percepção dos entrevistados voltados principalmente aos principais objetivos da pesquisa, quanto ao conhecimento da encíclica e a existência ainda do paradigma do homem dominar a terra e se sentem responsáveis pela criação. As perguntas de 12 a 16 pretendiam identificar a relação dos entrevistados com o meio ambiente, se tinham consciência dos problemas ecológicos que os cercavam e suas atitudes diante de algumas situações cotidianas.

Por fim, as perguntas de 17 a 20 pretendiam verificar a abordagem ambiental na igreja católica, se sabem do envolvimento da igreja com a temática, se concordam e se já participaram de alguma discussão, abrindo espaço para indicarem em qual ação já participaram.

As vantagens de utilizar este método nesta pesquisa conforme Gil (2008, p. 56) expôs consistiu em obter o “conhecimento direto da realidade”, afastando a subjetividade do pesquisador no qual elaborou suas hipóteses. Também a “economia e rapidez” já que os participantes responderam online o questionário, reduzindo os custos da pesquisa e evitando o uso de impressões, e por fim, a “quantificação dos dados”, mensurando e dividindo as opiniões dos pesquisados, podendo estimar qual opinião prevaleceu entre os participantes.

É necessário ressaltar as limitações do levantamento de campo realizado, pois conforme Gil (GIL, 2008, p. 56) por se tratarem de percepções, as pessoas nem sempre dizem o que verdadeiramente falam ou fazem. Porém são muito relevantes, pois “A percepção é a base para os programas de EA, pois justamente fornece as pistas de como as pessoas pensam e agem” (MUSA, OLIVEIRA e RAFAELA, 2006, p. 76).

Para reduzir estas distorções, a maioria das perguntas foram fechadas, com alternativas para suas respostas, tentando-se omitir a ideia que se queria ter da resposta. Exemplo pode ser dado com as perguntas que envolviam as percepções dos católicos quanto serem dominadores da terra de acordo com a passagem de Gênesis ou então apenas responsáveis no cuidado com a criação. Não foi exposta a opinião da igreja e nem da academia científica para evitar que tendessem a responder o que seria o certo ou aceito.

A amostragem para aplicação do questionário foi não-probabilística e por conveniência, apesar da falta de rigor, no qual os entrevistados foram selecionados de acordo com o que o pesquisador teve acesso, admitindo-se que possam representar uma parcela da percepção dos católicos (GIL, 2008, p. 94). Para coletar os dados foi encaminhado o link do questionário online para diferentes pessoas para responderem de diversas paróquias.

Para análise dos dados, as respostas foram compiladas em gráficos para cada pergunta que o próprio aplicativo oferecia e analisadas em percentual. Com exceção das perguntas 15,16 e 19.1 o próprio sistema *Google Forms* calculou por meio de tabulação eletrônica, com a vantagem de “armazenar os dados de maneira acessível, organizá-los e analisa-los estaticamente” (GIL, 2008, p. 160). Já as respostas das perguntas 15 e 16 foram tabuladas por meio do sistema *Office Excel* e foram apresentadas de acordo com a discussão dos resultados que estavam relacionadas. A pergunta 19.1 não era obrigatória, assim as respostas que os pesquisados se interessaram em responder, foram compiladas em grupos, tabuladas manualmente e depois elaborado gráfico no Excel.

Por fim, todos os dados foram analisados discutindo sobre eles, confrontando a realidade, a encíclica *Laudato Si* e as percepções dos autores, dividindo as análises em três grupos que respondem se o paradigma cristão de dominar a criação ainda prevalece, qual a consciência ecológica do católico e se está ocorrendo à educação ambiental na igreja católica.

3 RESULTADOS

A pesquisa alcançou 85 pessoas, no qual todas se consideram católicas, havendo uma grande dispersão de idade dos participantes, predominando 46% que estava na faixa etária de 40 a 65 anos. A paróquia que teve mais fiéis que responderam pertencia a Paróquia Nossa Senhora Aparecida localizada no bairro Setor Habitacional Contagem, na cidade de Sobradinho II, no Distrito Federal, totalizando 42% dos pesquisados.

Dos 85 participantes, 43% identificaram-se no grupo de freiras, leigos ou diáconos e teve a participação de 2 pessoas que se classificaram como sacerdotes. Esta distinção dos 54% que não pertencem a esses grupos foi necessária, pois quanto mais envolvida nas atividades da igreja católica, mais terão conhecimento das publicações da sua religião, principalmente quando se referem a publicações do chefe máximo da igreja que é o papa. Essa participação ativa na igreja foi comprovada na questão seguinte no qual 74% do total entrevistado afirmaram participar de missas e frequentar grupos, pastorais e movimentos.

3.1 O paradigma cristão de dominar a criação ainda prevalece?

Partindo para uma das principais dúvidas desta pesquisa, foi perguntado a esses católicos se já tinham ouvido falar da Carta Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco sobre o cuidado da casa comum e 53% responderam que sim. Ora, considerando que representa um pouco mais que a metade do total pesquisado que já ouviu falar surpreendeu a pesquisa, no qual esperava um resultado menor. Ou seja, ainda que haja quase a metade para ouvir da falar da Encíclica, em dois anos desde a publicação, mostra que teve um trabalho de disseminação da encíclica.

Porém, 69% responderam que nunca a leram. Essa é uma característica falha da educação no todo, no qual as pessoas conhecem pelo que ouvem, mas não se aprofundam em ler. Isso pode ser verificado nas leis que contém exatamente os direitos de todos os cidadãos, mas poucos a conhecem. Essa ausência da leitura da encíclica abre margens para um conhecimento superficial, baseado no que as pessoas dizem, podendo ter distorções ou a minimização de abordagens importantes propostas pela encíclica.

É unânime a crença dos católicos pesquisados que acreditam que todo o planeta Terra, com tudo que têm, seja seus recursos naturais e todas as formas de vida foram criadas por Deus. Desta percepção da criação divina, partiu-se para identificar se também a ideia de a Terra pertencer ao homem ainda prevalecia. Dos pesquisados, 68% responderam que não pertence ao homem, porém verificou-se que 32% ainda é alta, pois revela um pensamento antropocêntrico, que muitas vezes pode impedir contribuições na defesa da sustentabilidade. Esta percepção que a terra pertencia ao homem prevaleceu por muitos séculos, porém vai contra o livro de Deuteronômio no qual Moisés dirigiu-se aos israelitas e disse que “Vê: ao Senhor, teu Deus, pertencem os céus e os céus dos céus, a terra e tudo que nela se encontra” (BÍBLIA SAGRADA, 2008, p. 226, 10-14). Revela nessa passagem que a criação conforme a fé cristã pertence a Deus e não ao homem.

Também no livro de Levítico, Deus dirige-se a Moisés e diz “A terra não se venderá para sempre, porque a terra é minha, e vós estais em minha casa como estrangeiros ou hóspedes” (BÍBLIA SAGRADA, 2008, p. 170, 25-23). Qual hóspede que estando de passagem destruiria a casa que fora acolhido ou não se sentiria o mínimo responsável em tomar cuidado para não deixar sua marca? Ao contrário, agiria com gratidão e zelo.

Contudo, ao questionar se o homem é dominador absoluto da terra, 83% disseram que não, constatando assim que o paradigma da terra pertencer ao homem para ser dominada está decaindo. Papa Francisco considera essencial a queda deste paradigma:

A melhor maneira de colocar o ser humano no seu lugar e acabar com sua pretensão de ser dominador absoluto da terra, é voltar a propor a figura de um Pai criador e único dono do mundo; caso contrário, o ser humano tenderá sempre a querer impor à realidade as suas próprias leis e interesses. (FRANCISCO, 2015, p. 60)

Esperando-se que seja uma tendência essa redução a cada ano, já que as atitudes religiosas influenciaram negativamente no passado para exploração da natureza e com novas interpretações da bíblia e tantos meios de difusão do conhecimento, essa responsabilização da religião ficará apenas na história.

Em sequência, os católicos pesquisados foram questionados se eles têm responsabilidade no cuidado com a criação divina recorrente da fé que possuem e, satisfatoriamente, 96% confirmaram que sim. Esta percepção de responsabilidade é

positiva, pois pelo menos confirma que tem mais pessoas que se sentem responsáveis, pois até a indiferença pode prejudicar atendendo a exortação do papa.

A crise ecológica não aconteceu só por causa da ação de poucos homens, ainda que os lucros tenham sido abstraídos por uma minoria que usou da força ou exploração de uma grande maioria. A crise se desenvolveu quando um número alarmante de pessoas perdeu a consciência da sua responsabilidade no planeta e permitiu a introdução de um sistema econômico devastador e opressor, focando apenas nas vantagens, mas ignorando as consequências.

Posteriormente, foi perguntado se o homem e o meio ambiente estão relacionados, pois a partir do momento que o homem não se importa com suas ações na natureza, não tem a consciência que tudo está mutuamente relacionado. E entre as opções de respostas que tinham em considerar se o homem estava completamente relacionado, parcialmente ou não estava relacionado 92% afirmaram que o homem e o meio ambiente estão completamente relacionados.

O Catecismo da Igreja Católica (CIC) ressalta que a interdependência das criaturas de Deus é querida por Ele. Todas as mais diversas formas de vidas não se bastam em si mesmas. Necessitam “completarem-se mutuamente, a serviço uma das outras”. Esta beleza da criação que desperta a admiração e curiosidade de muitos sábios reflete o amor deste Deus (Catecismo da Igreja Católica, 2011, p. 99-100).

É necessário destacar que a fé católica não passou a considerar o homem igual a qualquer outra criatura. Ela continua reservando o valor ao homem acima de outros seres, pois creem que o homem foi criado a imagem e semelhança de Deus. Esse valor que acreditam ter sido dado ao homem baseia-se na frase de Jesus no livro de Lucas “Mais valor tendes vós do que numerosos pardais” (BÍBLIA SAGRADA, 2008, p. 1365).

Na religião católica, as ações dos homens devem ser orientadas conforme a vontade de Deus que foram ensinadas na bíblia, principalmente os dez mandamentos da lei de Deus, e outras orientações conforme a doutrina da igreja. O não agir de determinado modo ensinado pode resultar no rompimento da relação do homem com Deus, com o próximo e com a terra, “relações fundamentais intimamente ligadas”. A este rompimento dá-se o nome de pecado. Pecado este que distorceu o mandato de cultivar e guardar para dominar e devastar (FRANCISCO,

2015, p. 52)". O CIC (2011, p. 495) define "O pecado é uma falta contra a razão, a verdade, a consciência reta; é uma falta ao amor verdadeiro para com Deus e para com o próximo, por causa de um apego perverso a certos bens", podendo se tornar em vícios quando viram hábitos do indivíduo.

Por muitos séculos, o catolicismo preocupava-se com as ações que fossem consideradas como pecados, principalmente as voltadas para as relações humanas, mas as agressões a criação não eram tão relevantes e consideradas como tal. Porém, o Vaticano já vem discutindo sobre os pecados do mundo moderno, no qual se encaixam os pecados contra o meio ambiente, apesar de que no sétimo mandamento da lei de Deus que diz "Não matarás" é que a doutrina da igreja enquadrou a ordem de "respeitar a integridade da criação", incluindo todos os seres no qual o CIC cita os animais, as plantas e os seres inanimados.

Ressalta-se também que a igreja aceita que o homem é responsável pela administração dos animais, permitindo servirem deles para alimentação, trabalhos e lazeres, além de experimentos médicos desde que para contribuir para a saúde do homem, não devendo gastar com eles ante o alívio da miséria dos pobres. Porém, qualquer sofrimento inútil aos animais e que atente contra as suas vidas é considerado como ato indigno do homem diante de Deus (Catecismo da Igreja Católica, 2011, p. 624-625).

Desta abordagem foi elaborada a pergunta se "achavam" que chegaria a ser pecado qualquer modo de maltratar o planeta, como desperdiçar água e descartar lixo nas ruas. A necessidade de enxergarem se é pecado qualquer modo, desde os mais simples deve-se a ideia de que muitas vezes quando se pensa na defesa do meio ambiente, vincula-se a grandes atos em nível macro, que causem impactos decisivos e imediatos em muitos seres, como derramamento de petróleo, porém as mudanças ambientais começam nas alterações dos comportamentos individuais de cada pessoa.

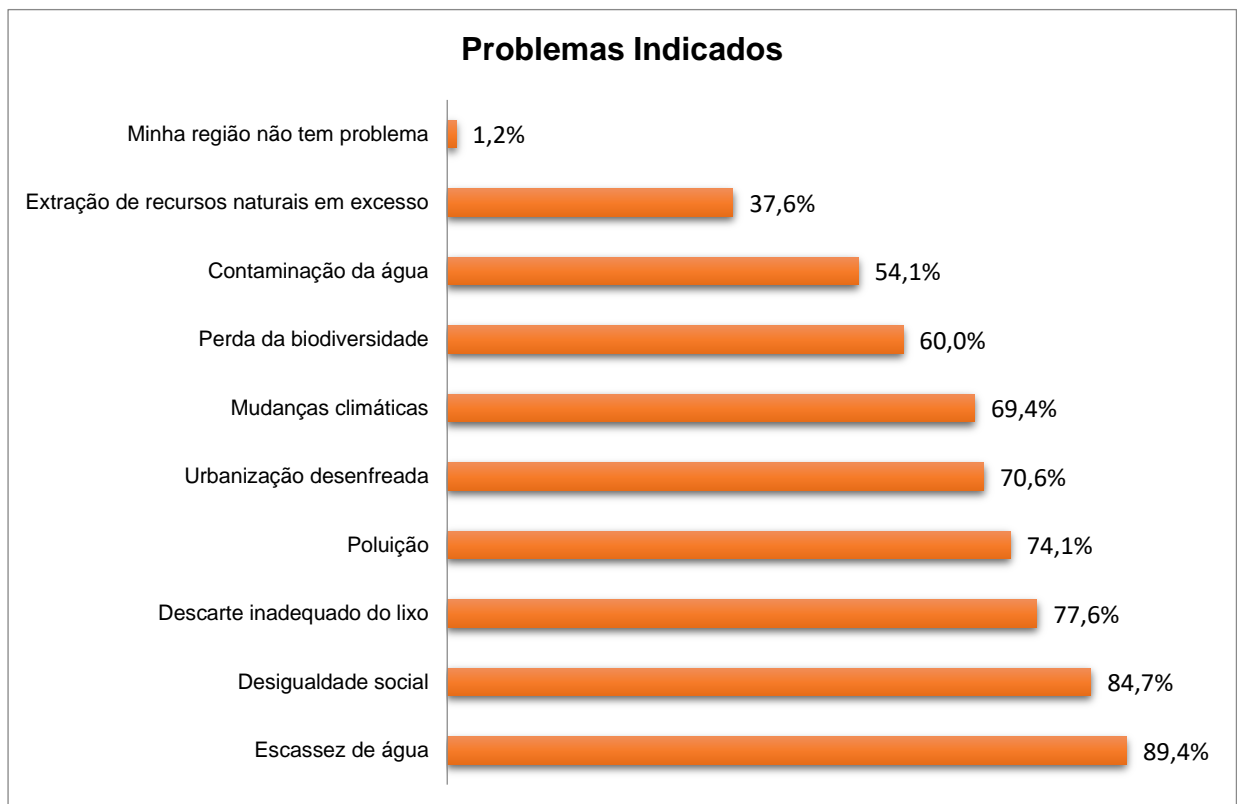
Colocando-se como opções de respostas "sim", "não" e "talvez", 71% dos entrevistados responderam que consideram sim como pecado qualquer modo de maltratar o planeta e 27% responderam que talvez. O fato de uma parcela bem insignificante ter respondido que "não" causa ânimo, reafirmando que se sentem responsáveis pela criação e esta falta de compromisso reflete exatamente esta falta de compromisso com Deus. Considerando que na religião católica o pecado deve ser confessado por seus fiéis para continuarem em comunhão com Deus, se tiverem

a cada dia mais conscientizados dos problemas ambientais e de ações que podem contribuir, mais agentes terão na luta contra a crise ecológica.

3.2 Consciência ecológica do católico.

Outra questão que foi necessária perguntar para os entrevistados era se a sociedade está passando por uma crise ambiental, no qual 95% responderam que “sim”. Foi necessário ter a certeza que tinham consciência da crise, pois sem terem este mínimo conhecimento pode gerar um impedimento em qualquer ação necessária conjunta. Na encíclica *Laudato Si* o Papa Francisco deixou às claras as problemáticas ambientais que o planeta vem sofrendo e que se tornaram agravantes.

Gráfico 1 – Respostas obtidas da pergunta: Dos problemas abaixo, marque quais deles você tem consciência que a sua região está sofrendo.



E em decorrência da aceitação da crise ambiental foram apresentados nove problemas abordados na encíclica para que os entrevistados indicassem quais deles a região em que moram têm. Esta percepção no nível micro é essencial para que

possam servir como agentes de mudanças locais. Apenas um entrevistado marcou que a região que morava não tinha nenhum destes problemas. Essa resposta pode significar que a região realmente não tem problemas ou mesmo a pessoa não tem noção dos problemas da região. Logo, 99% dos pesquisados indicaram que tem problemas nas regiões que moram.

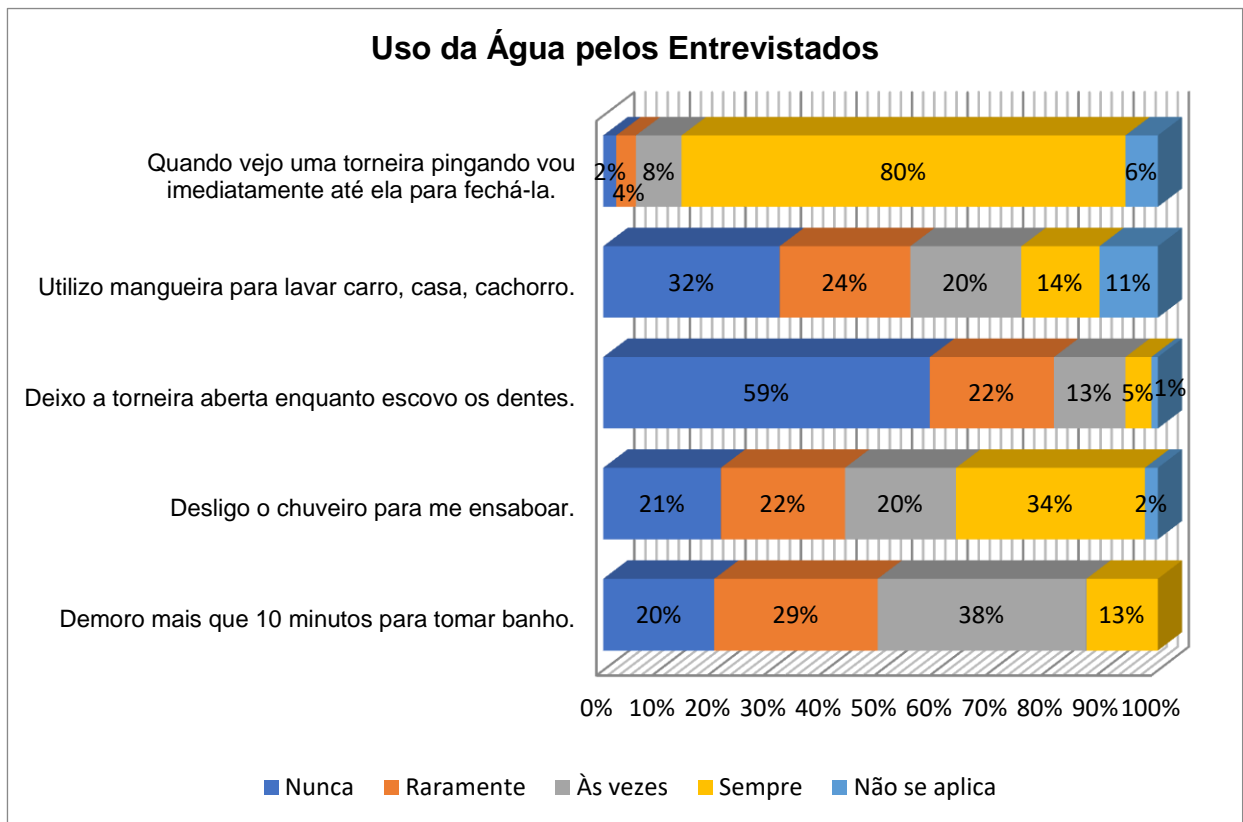
No Graf. 1 verifica-se que o maior problema indicado foi o da escassez de água com 89,4% dos entrevistados que assinalaram que sua região sofre. É nítido que um dos recursos naturais mais essenciais à vida está se esgotando. Se antes eram problemas exclusivos da África ou da região árida do Nordeste, regiões populosas ficaram também com escassez de água, exatamente como exposto claramente na encíclica.

A falta de água vem sendo um problema para diversas regiões do Brasil, devido às diminuições anuais das precipitações e o uso desregrado da água potável. Em 2015, a cidade de São Paulo passou por uma crise hídrica extrema, chegando a captar água do nível morto do sistema Cantareira. Muitas ações foram tomadas como melhorias de infraestrutura e de mudanças de hábitos dos usuários. Só assim conseguiram enfrentar o racionamento e saíram da crise. No Distrito Federal, as reduções das chuvas que vinham ocorrendo ao longo dos anos, o aumento populacional e o uso inadequado da água resultaram em uma crise hídrica em 2017, no qual a companhia responsável pelo abastecimento recorreu a interrupções nas residências de água de 24 horas até 72 horas por semana por vários meses em diversas cidades.

Há de se ressaltar que o uso da água principalmente pela agricultura e pecuária agrava o problema da falta de água, necessitando de políticas rígidas que obriguem o uso de sistemas de irrigação eficientes.

É notório o conhecimento da falta de água no Brasil por muitas pessoas, podendo ser observado o reflexo desta consciência em seus comportamentos. Para essa análise foram inferidas algumas afirmações para os entrevistados se identificarem. Perguntados sobre como usam a água em algumas situações, as atitudes consideradas adequadas se sobressaíram.

Gráfico 2 - Respostas obtidas da pergunta sobre o uso da água: marque em qual situação se aplica as informações abaixo em sua vida.



Uma torneira que está pingando teve 80% de pessoas que afirmaram que ao percebê-la vão imediatamente fechar. A utilização de mangueira foi baixa. Quanto a deixar a torneira aberta enquanto escovo os dentes 59% responderam que nunca fazem isso. Já desligar o chuveiro para se ensaboar teve uma redução, com 34% que responderam que sempre desligam o chuveiro. Os banhos prolongados, acima de 10 minutos 38% afirmaram que às vezes demoram mais que esse tempo, enquanto que 59% afirmaram nunca ou raramente demorar no banho. Essas atitudes, ainda que necessitem de melhoras, já demonstram que a importância com a água está mudando, dando mais valor a este recurso tão precioso.

Em segundo lugar, a desigualdade social foi indicada por 84,7% dos entrevistados. O problema da diferença entre classes sempre existiu e têm-se atenuado no Brasil com a crise financeira no qual aumentou o desemprego. Porém a pobreza, que sempre é destaca como um problema social, a encíclica a compara como um apêndice que sempre é citado, mas transformações verdadeiras não são feitas. As exclusões dos pobres, juntamente com o distanciamento dos que vivem

em sua qualidade de vida, cercados por seu conforto contribuem para a estagnação da desigualdade, destacando a dívida ecológica existente entre o Norte e o Sul, resultado da exploração histórica (FRANCISCO, 2015, p. 37-40).

O descarte inadequado do lixo foi indicado por 77,6% dos entrevistados. A problemática do lixo apresenta-se em várias formas, ligados diretamente ao problema da poluição. O descarte de lixo nas ruas que acabam entupindo bueiros e causando inundações em época de chuva ou o descarte em áreas verdes, principalmente entulhos, que por não ter locais adequados para o descarte, são levados para o meio ambiente, como se a natureza fosse tratar o lixo.

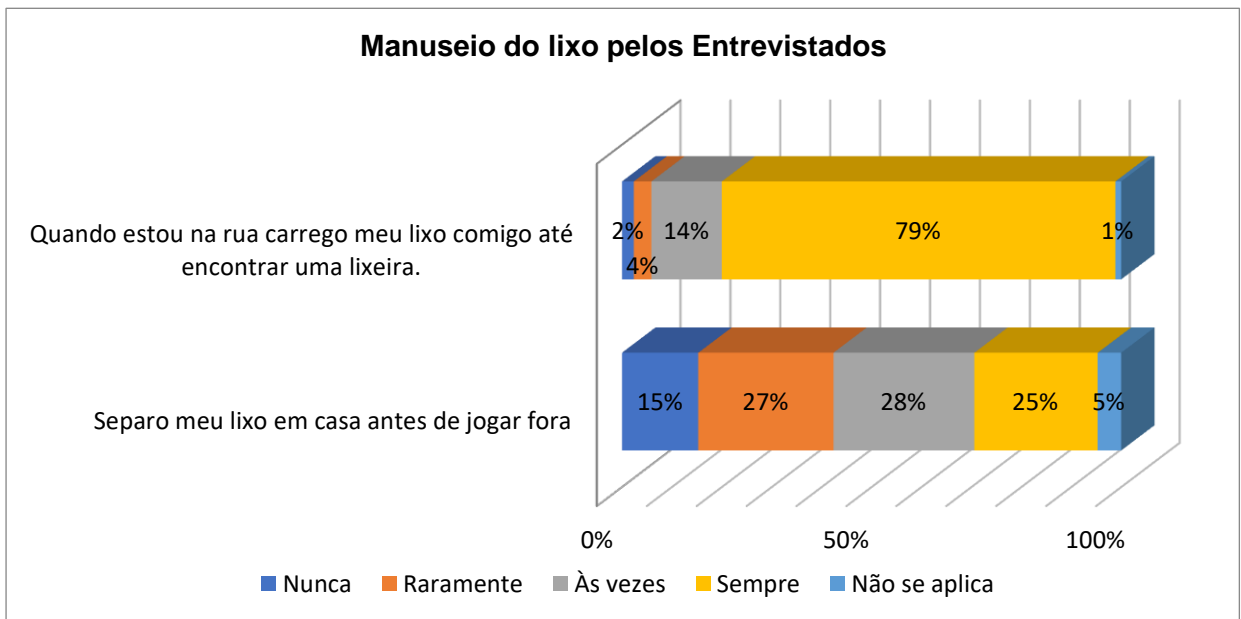
Também tem o lixo que acaba sendo levado por rios, poluindo as águas. Pode-se encaixar em descarte inadequado também o lixo do próprio esgoto, no qual muitas regiões brasileiras ainda não têm tratamento e os lança diretamente nas águas, contaminando-as. A contaminação da água nos pesquisados foi indicado por 54,1% dos entrevistados, ficando em oitavo lugar na indicação dos problemas. A contaminação não é tão notória, tendo em vista que muitas cidades são abastecidas no qual fazem o tratamento da água, porém se não houvesse poluição e contaminação, os gastos seriam menores.

Outra questão do lixo é as toneladas diárias produzidas pelas cidades. Necessita-se de uma mudança drástica do mercado para que ofereça produtos reaproveitáveis ou que gerem menos resíduos. O mercado não está adaptado ainda para reciclagem reversa, e, assim, lixões vão se acumulando nas cidades. Ora, a natureza é perfeita e tudo que ela produz é reciclado, voltando para a natureza. As folhas que caem poderiam servir como próprios fertilizantes para a terra, mas acabam sendo tratados como mais lixo. Entretanto, aos poucos, medidas vão sendo tomadas como criação de centros de triagem e aterros, mas ainda muito lentamente, comparado à necessidade que é enorme. O lixo, então, vai sendo diariamente um abrigo de vetores de doenças, principalmente para os que vivem à margem da sociedade.

Questionados os entrevistados se carregam seu lixo até encontrar uma lixeira satisfatoriamente 79% respondeu que sim. Essa atitude é básica em um comportamento ecológico. Muitas cidades carecem de lixeiras e serviço de limpeza urbana suficientes para atender toda a demanda, porém o simples gesto de não descartar o lixo em qualquer lugar contribuem em um ambiente mais limpo. Já a separação do lixo teve apenas 28% das pessoas que afirmaram que às vezes

separam seus lixos. Esse número é muito baixo e resultado da falta de centros de reciclagem, pois ao imaginarem que todos os lixos vão parar em único lugar, não veem diferença. Contudo, os catadores que trabalham no lixão consideram que a separação do lixo os ajuda em seu trabalho e preserva muitos materiais que podem ser reciclados.

Gráfico 3 - Respostas obtidas da pergunta sobre manuseio do lixo: marque em qual situação se aplica as informações abaixo em sua vida.



A poluição foi indicada por 74,1% dos entrevistados. A poluição do ar também tem sido um grave problema enfrentado, além da poluição da água pelo lixo e resíduos do esgoto. Indústrias que lançam cortinas de fumaça e expõem compostos químicos que não são dissolvidos facilmente, contaminando cidades e afetando a saúde de muitas pessoas, sendo os problemas respiratórios por poluição uma das maiores causas de adoecimento.

Já a urbanização desenfreada foi indicada por 70,6% dos entrevistados. Este problema traz diversos danos ao meio ambiente. Pessoas ocupam áreas naturais, atraindo outras. O êxodo rural continua, no qual as maiorias das populações vivem nas cidades. Áreas com dimensões enormes naturais, por seus proprietários não verem como usá-los de forma rentável, vão transformando em grandes condomínios. A falta do planejamento resulta em um trânsito caótico no qual não tem vias suficientes para toda uma população deslocar-se. A falta de saneamento básico,

sem rede de distribuição de água, coleta e tratamento de esgoto, drenagem urbana e coleta e lixo agravam os problemas nas cidades.

No Distrito Federal a maioria da população é atendida pelo saneamento básico, porém, diversas áreas de Cerrado vão sendo transformadas em condomínios, criando novos bairros, sem um mínimo de interesse ecológico em ao menos construir no estilo de vilas verdes, compensando minimamente o abaste natural. Ao contrário, tão logo vão sendo construídas, as ruas já vão sendo pavimentadas, árvores próximas cortadas para evitar animais e “sujeira”.

Estas alterações do ambiente vão agravando ainda que não sejam tão visíveis os problemas das mudanças climáticas, que na pesquisa ficou em sexto lugar, com 69,4% e a perda da biodiversidade que foi indicada por 70,6% dos entrevistados. Apesar das mudanças climáticas serem uma das maiores ameaças a nível global nesta crise ecológica, em nível micro, é mais difícil à percepção da alteração do clima, ainda que possa ser percebida com diversos sinais, como as reduções das chuvas e se não houver remediações imediatas tenderão a agravar.

Quanto à perda da biodiversidade, resultados das mudanças, urbanização, a caça, poluição, entre outros fatores, viola a vida de todos os seres vivos, não apenas daqueles estampados em campanhas de combate a extinção, mas de todos os organismos como as algas, fungos e plantas. “Por nossa causa, milhares de espécies já não darão glória a Deus com a sua existência, nem poderão comunicar-nos a sua própria mensagem” (FRANCISCO, 2015, p. 28).

A extração de recursos naturais em excesso ficou em último lugar, indicado por 37,6% dos entrevistados. Esta percepção da extração em excesso nem sempre é notada, porém, a mídia reporta sempre o caos das extrações na Amazônia, por exemplo, alterando totalmente o hábitat. Há também as produções desestabilizadas e nada sustentáveis de produtos e alimentos que acabam por prejudicar de alguma maneira o ambiente. Para os moradores das cidades urbanas a percepção desta extração é menor, porém não torna o problema menos preocupante.

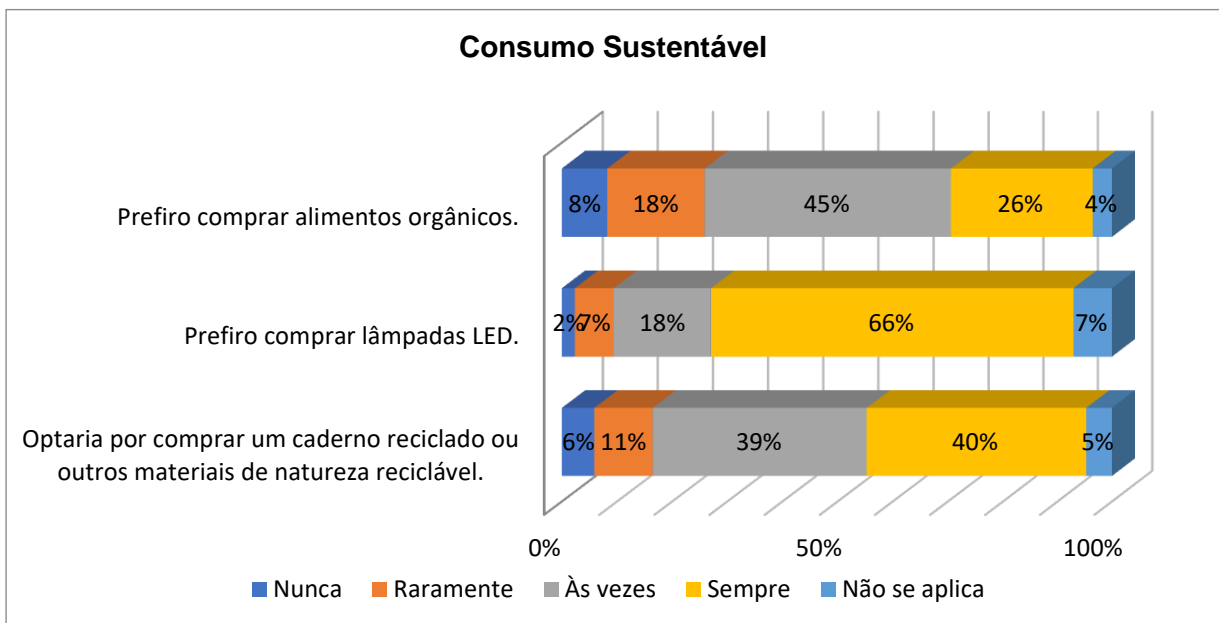
O consumismo elevado, principalmente de produtos não ecológicos, ainda que o mercado seduza com as mais diversas ofertas, é preciso que o consumidor exija mudanças começando a não comprar ou optar por produtos mais sustentáveis.

Questionados quanto aos hábitos de consumo sustentável, 45% dos pesquisados responderam que às vezes preferem comprar alimentos orgânicos. Nos últimos anos, tem aumentado à compra destes alimentos, produzido em um sistema

sustentável e livre de agrotóxicos. A cada dia tornam-se mais acessíveis, na medida em que o consumo aumenta.

As lâmpadas LED⁸ (Light Emitting Diode) são preferências de compras por 66% dos pesquisados, um indicador alto, tendo em vista que é uma tecnologia recente e que é mais cara que a fluorescente. Isto se deve ao fato que as lâmpadas LED são mais eficientes, economizando mais energia e com uma vida útil bem maior (BLEY, 2012). Já a preferência por comprar produtos recicláveis, como um caderno, 40% respondeu que sempre e 39% que às vezes têm essa escolha. Demonstra mais uma vez que o consumidor está se abrindo a novos produtos e que o valor ambiental está começando a “pesar” na hora da escolha.

Gráfico 4 - Respostas obtidas da pergunta sobre o consumo de produtos sustentáveis: marque em qual situação se aplica as informações abaixo em sua vida.



3.3 A educação ambiental pela igreja católica.

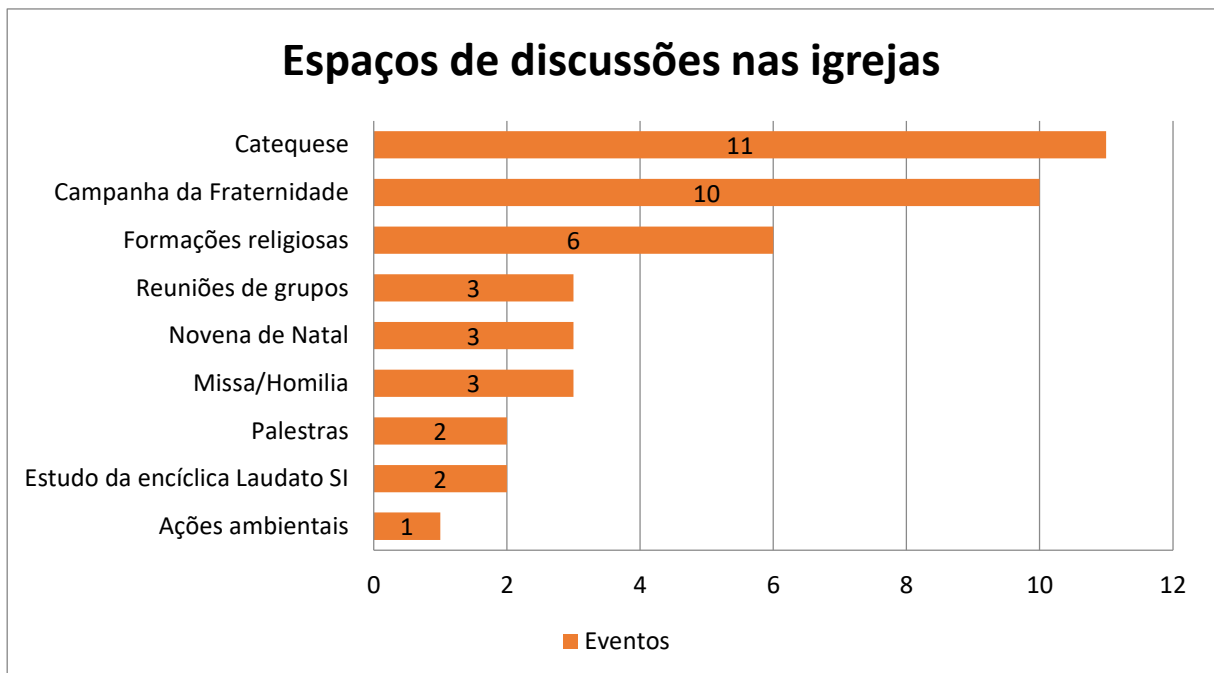
Foi questionado aos entrevistados se tinham conhecimento se a igreja discute sobre temas ambientais, no qual 74,1% responderam que sim. Isso é positivo, o que significa que a pessoa que tem conhecimento deste assunto na igreja já foi ou pode vir a ser envolvido na educação ambiental que a igreja quer promover.

⁸ Tradução em português significa “diodo emissor de luz”. (BLEY, 2012)

Ao perguntar se a igreja deve discutir sobre as problemáticas ambientais, surpreendentemente 92,9% responderam que sim. Essa aceitação é bastante favorável à educação ambiental, pois já não se tem a concepção de que na igreja só se discute religião, mas que a fé está envolvida com o mundo e se o mundo tem problemas, são problemas dos seus fiéis também, no qual devem se unir para um espaço de soluções e apoio.

Quanto à participação de alguma discussão sobre a temática ambiental no ambiente da igreja, 60% responderam que sim. Acima da média, indica que muitos fiéis já foram alcançados pela evangelização ambiental. As ocasiões em que participaram foram as mais diversas, destacando-se principalmente o envolvimento nas discussões promovidas na catequese e na Campanha da Fraternidade, conforme Graf. 5.

Gráfico 5 - Respostas obtidas da pergunta: poderia nos descrever em qual ocasião participou de uma discussão sobre o meio ambiente em sua paróquia?



Por fim, os entrevistados foram questionados se teriam interesse em participar de ações de educação ambiental promovidos pela igreja, tendo 78,8% de respostas que afirmaram ter interesse em participar. Este resultado estava acima do esperado constatando o interesse dos católicos em aprender mais e engajarem-se em experiências ecológicas que contribuam com a preservação e defesa do meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi elaborada para analisar a encíclica *Laudato Si* sobre o cuidado da casa comum publicada pelo Papa Francisco e a aplicabilidade dela na educação ambiental de seus fiéis. Verificou-se ser muito útil e despertadora para convocar seus féis na defesa do meio ambiente, no qual apontou pontos muito abrangentes, possibilitando o leitor facilmente identificar-se no texto diante dos problemas ambientais que o cercam. A encíclica *Laudato Si* quebrou o paradigma do domínio do homem sobre a Terra, deixando explícito a responsabilidade dos cristãos no cuidado da criação, conforme suas crenças, não devendo o homem considerar-se dominador.

As hipóteses levantadas foram todas rejeitadas. Verificou-se que mais da metade dos fiéis já ouviram falar da encíclica *Laudato Si*, apesar de que quase 70% não a leram. Não acreditam que são proprietários e dominadores absolutos da Terra, no qual 68% responderam que a Terra não pertence ao homem e 83% que não são dominadores. Os católicos consideram que são responsáveis pelo zelo da Terra, com 96% de concordância, no qual todos creem que foi criada por Deus. Eles também têm consciência da crise ecológica que o planeta enfrenta, inclusive dos problemas que suas regiões enfrentam. Por fim, os fiéis concordam em discutir meio ambiente e religião juntos, com 93% de aprovação.

Então, após a análise dos resultados do questionário foi possível responder à pergunta de pesquisa que indagava se os católicos entendiam que são responsáveis pelo cuidado da criação no qual foi constatado que sim. Alcançou-se o objetivo geral da pesquisa, constatando que o paradigma cristão do homem dominar a Terra não prevalece na igreja católica, ao contrário, discorda completamente e reafirma a interpretação da bíblia que cabe ao homem cuidar e guardar da criação, inclusive como obrigação de fé, olhando-a para ela com contemplação e reconhecendo o amor de Deus em cada coisa.

Esta nova percepção dos fiéis da igreja não está atrelada a produção da encíclica *Laudato Si*, mas é resultado de contínuos programas de educação ambiental que os católicos vêm sendo envolvidos, seja pela educação formal, pela mídia ou outras situações, porém a encíclica exerce um papel fundamental para

romper completamente o paradigma de domínio da natureza no passado, trazendo mais pessoas para o engajamento da conservação do meio ambiente.

Sugere-se que a igreja católica continue usando a encíclica para exortar seus fiéis na transformação do mundo e, se necessário, que faça atualizações para que seja sempre utilizada. É necessário que a igreja continue a propagar a ideologia da encíclica para os católicos, não deixando ao esquecimento com o passar dos anos, pois há muitas fiéis que ainda precisam ser orientados.

Recomenda-se criação de grupos de discussões em todas as paróquias para que possa ocorrer a conversão ecológica que o Papa Francisco clamou. Caso seja necessário, as paróquias devem procurar as instituições de ensino superior envolvidas com o conhecimento científico da educação ambiental para criar parcerias e trazer conhecimentos que se façam necessários para que os membros dos grupos possam saber o que fazer ou como fazer para mudar seus hábitos.

A promoção de debates abertos com a comunidade sobre ações locais também se fazem necessários, considerando que cada paróquia conhece o local que estão estabelecidas, suas características principais, os problemas, a cultura. Isso desenvolve o real sentido de comunidade e possibilita a fraternidade, além de desenvolver a percepção do se importar com o outro.

Outra recomendação necessária é de as igrejas adequarem-se, transformando seu cotidiano em pequenos hábitos sustentáveis que despertem o interesse dos fiéis em seguir o exemplo, como separação dos seus resíduos e economia de água e energia.

Por fim, verifica-se necessário inserir no discurso teológico com mais incisão e ensinar e desenvolver esta capacidade em seus fiéis de contemplar a vida em tudo, para enxergarem “esse” amor de Deus. Aprendendo a contemplar às criaturas, plantas, animais, aos homens é só questão de tempo de invisivelmente verem e tratarem tudo com respeito e amor.

REFERÊNCIAS

- ADÃO, N. Religiosidade e educação ambiental: a visão do "ser no todo". **Didática Sistemática**, v. 5, janeiro a junho 2007. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/redsis/article/viewFile/1228/523>>.
- ALVES, R. O que é religião, 1984. Disponível em: <<http://files.direito-pucminas.webnode.com.pt/200000356-a6e11a7db0/Rubens%20Alves%20-%20O%20Que%20%C3%A9%20Religi%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 18 novembro 2017.
- AQUINO, F. **Por que sou católico?** 19ª. ed. Lorena: Cleofás, 2010.
- AQUINO, F. O que é uma carta encíclica? **Editora Cleofás**, 09 outubro 2017a. Disponível em: <<http://cleofas.com.br/o-que-e-uma-carta-enciclica/>>.
- AQUINO, F. Você sabe quem foi São Francisco de Assis? **Cleofás**, 4 outubro 2017. Disponível em: <<http://cleofas.com.br/voce-sabe-quem-foi-sao-francisco-de-assis/>>. Acesso em: 04 novembro 2017b.
- AQUINO, F. Você sabe quem foi São Francisco de Assis? **Canção Nova**, 04 outubro 2017. Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2017/10/04/voce-sabe-quem-foi-sao-francisco-de-assis/>>. Acesso em: 18 novembro 2017c.
- BÍBLIA SAGRADA. 74ª. ed. São Paulo: Ave Maria, 2008. 1671 p.
- BLEY, F. B. LEDs versus lâmpadas convencionais, Viabilizando a troca. **Especialize IPOG**, maio 2012.
- BRASIL. Lei n. 9.795 de 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental.**, 27 abril 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm>. Acesso em: 29 outubro 2017.
- BRUGGER, P. **Educação ou adestramento ambiental?** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 1993.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catecismo da Igreja Católica**. 9ª. ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Campanha da Fraternidade 2017**. Brasília: [s.n.], 2017.
- FRANCISCO, S. P. **Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum**. Vaticano: [s.n.], 2015. 192 p.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOOGLE. Igreja Católica como educadora ambiental. **Google Forms**, 2017. Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/1XCOEhQBdkyYyPVYfyqP-duZ07WNZ8ikHDPwITZnslGk/edit>>. Acesso em: 20 novembro 2017.

GUSMAN JÚNIOR, U. A voz profética da Igreja Católica e o zelo pelo meio ambiente. **Anais do Congresso ANPTECRE**, v. 5, p. ST1205, 2015. ISSN ISSN: 2175-9685.

LAYRARGUES, P. P. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. In: _____ **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: [s.n.], 2006. p. 72 - 103.

LIMEIRA, A. F. M.; ANDRADE, M. O. D. Eco(Teo)logia: discurso teológico ambiental x prática comunitária evangélica. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, 28, jul/dez 2013. 189-204.

MENDONÇA, C. A poesia é o rastro de Deus nas coisas. **Ecológico**, 03 maio 2016. Disponível em: <<http://www.revistaecologico.com.br/materia.php?id=100&secao=1744&mat=2007>>.

MORAES, S. D. S.; MORAES, G. L. D. Educação ambiental e a atuação da igreja católica, setembro 2016. Disponível em: <<http://www.meioambientepocos.com.br/anais-2016/122.%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20AMBIENTAL%20E%20A%20ATUA%C3%87%C3%83O%20DA%20IGREJA%20CAT%C3%93LICA.pdf>>. Acesso em: 30 outubro 2017.

MURAD, A. T. Consciência planetária, sustentabilidade e religião. Consensos e tarefas. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 30, p. 443-475, abr/jun 2013. ISSN ISSN 2175-5841.

MUSA, C. I.; OLIVEIRA, L. B. D.; RAFAELA, V. Educação ambiental e religião: percepções e perspectivas a partir das denominações religiosas cristãs da sub-bacia do Ribeirão Araranguá em Blumenau/SC. **Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 16, janeiro - junho 2006. ISSN ISSN 1517-1256.

NABETO, C. M. Conhecendo a bíblia sagrada. **Bíblia Católica**, s.d. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br/conhecendo-a-biblia-sagrada/36/>>. Acesso em: 18 novembro 2017.

NAHRA, J. J. A. et al. A igreja católica e o meio ambiente: considerações sobre os textos-base da campanha da fraternidade a partir do concílio vaticano II. **Uniará**, v. 17, n. 2, dezembro 2014.

PATRÍSTICA. **Basílio de Cesaréia**. 1ª. ed. [S.l.]: Paulus, v. 14, 1999. 192 p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=9vW5DAAAQBAJ&pg=PT19&lpg=PT19&dq=Hom%C3%ADlia+sobre+a+Palavra+do+Evangelho+Segundo+Lucas:+%E2%80%9C+Destruirei+Meus+Celeiros+e+Construirei+Maiores&source=bl&ots=-UJlZgXDIM&sig=TuhOz5wRphFXbx1d45VWTKrFYhA&hl=pt-BR&sa=X&v>>. Acesso em: 29 outubro 2017.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. Compêndio da doutrina social da igreja, Vaticano, 2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_j

ustpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 20 novembro 2017.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL. São Basílio Magno. **Franciscanos**, s.d. Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/?p=48211>>. Acesso em: 19 novembro 2017.

SENADO. Conferência Rio-92 sobre o meio ambiente do planeta: desenvolvimento sustentável dos países. **Em Discussão**, s.d. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/rio20/a-rio20/conferencia-rio-92-sobre-o-meio-ambiente-do-planeta-desenvolvimento-sustentavel-dos-paises.aspx>>. Acesso em: 20 novembro 2017.

SILVA, C. A. O. D.; GAMA, C. L. M.; NASCIMENTO, K. T. L. Meio ambiente e fé católica: um discurso em busca de uma práxis pastoral. **Último Andar**, n. 26, 2015. ISSN ISSN 1980-8305.

WWF. WWF no Mundo. **WWF Brasil**, s.d. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/wwf_brasil/>. Acesso em: 19 novembro 2017.

APÊNDICE

Pesquisa

Igreja Católica como Educadora Ambiental

Estamos realizando esta pesquisa para o trabalho de conclusão do curso de Gestão Ambiental da Universidade de Brasília para analisar o conhecimento dos fiéis da Igreja Católica quanto a publicação da Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco sobre os Cuidados da Casa Comum e suas percepções do meio ambiente.

- O questionário dura no máximo 5 minutos.
- É permitido responder ao questionário somente uma vez por pessoa.
- Perguntas com * são obrigatórias para conclusão do questionário.
- Suas respostas serão anônimas.
- Caso tenha alguma dúvida sobre o questionário envie um e-mail para: diela.adriana@gmail.com.

Sua participação é muito importante para contribuir no levantamento da necessidade para melhoria da educação ambiental.

1. Qual a sua faixa etária? *

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Menor de 18 anos. | <input type="checkbox"/> 40 - 65 |
| <input type="checkbox"/> 18 - 29 | <input type="checkbox"/> Acima de 65 anos. |
| <input type="checkbox"/> 30 - 39 | |

2. Você se considera da religião Católica Apostólica Romana? *

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

3. Qual paróquia você costuma frequentar mais e em que cidade ela fica? *

- N. Sra Aparecida - Contagem/Sobradinho II São José - Sobradinho II
- N. Sra. Mãe Migrantes - Sobradinho II
- São Mateus - Sobradinho II
- N. Sra. Aparecida - Fercal/Sobradinho II
- N. Sra. Das Graças - Grande Colorado
- Imaculada Conceição - Sobradinho I
- Bom Jesus dos Migrantes - Sobradinho I
- N. Sra. Rosário Fátima - Sobradinho I
- Não frequento nenhuma paróquia.
- Outro:

4. Você é:

-) Sacerdote.) Nenhuma das opções anteriores.
) Freira, leigo, diácono.

5. Qual sua participação na Igreja Católica? *

-) Vou às missas e frequento grupo/pastoral/movimento.
) Vou apenas às missas.
) Apenas frequento grupo/pastoral/movimento.
) Não frequento a igreja.

6. Você já ouviu falar da Carta Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco sobre o Cuidado da Casa Comum? *

-) Sim) Não

7. Se já ouviu falar da encíclica, você já leu a *Laudato Si* sobre o Cuidado da Casa Comum?

-) Sim) Parte dela
) Não

8. O planeta Terra, com todos seus recursos naturais e as mais diversas formas de vida são obras da criação divina? *

-) Sim) Não

9. O planeta Terra pertence ao homem?

-) Sim) Não

10. O homem é dominador absoluto da Terra? *

-) Sim) Não

11. O católico tem responsabilidade no cuidado da Criação Divina devido a sua fé?

-) Sim) Não

12. O homem e o meio ambiente estão relacionados? *

-) Completamente relacionados.
) Parcialmente relacionados.

() Sim

() Não

18. Em sua opinião, a problemática ambiental deve ser discutida na igreja? *

() Sim

() Não

19. Você já participou de alguma discussão sobre a temática ambiental na igreja? *

() Sim

() Não

19.1. Se sim, poderia nos descrever em qual ocasião participou de uma discussão sobre o meio ambiente em sua paróquia?

20. Você teria interesse em participar de ações de Educação Ambiental promovidas pela igreja? *

() Sim

() Não

22. Deixe seu e-mail abaixo caso tenha interesse no resultado desta pesquisa. Agora, é só clicar em enviar.

Formulário elaborado pelo aplicativo *Google Forms*. (GOOGLE, 2017).